

**UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO**  
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação

**CONCEIÇÃO DE FÁTIMA DE SOUZA**

**A EDUCAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19 (2020): UMA  
ANÁLISE DA INDÚSTRIA CULTURAL DIGITAL “NOVA ESCOLA”**

Itatiba  
2021

**CONCEIÇÃO DE FÁTIMA DE SOUZA – RA 002201901123**

**A EDUCAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19 (2020): UMA ANÁLISE DA INDÚSTRIA CULTURAL DIGITAL “NOVA ESCOLA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Sociedade e Processos Formativos.

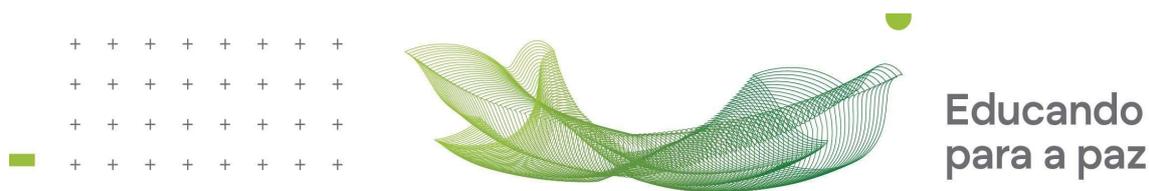
Orientador: Prof. Dr. Allan da Silva Coelho

Itatiba  
2021

301.153  
S714e Souza, Conceição de Fátima de.  
A educação durante a pandemia do Covid-19 (2020) : uma análise da indústria cultural digital "Nova Escola" / Conceição de Fátima de Souza. – Itatiba, 2021.  
70 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco.  
Orientação de: Allan da Silva Coelho.

1. Indústria Cultural. 2. Educação – Filosofia - Brasil.  
3. Cultura Digital. 4. Covid-19. 5. Educação. 6. Ideologia.  
7. Plataforma Digital. 8. Tecnologia educacional. I. Coelho, Allan da Silva. II. Nova Escola. III. Título.



**UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU**  
**EM EDUCAÇÃO**

Conceição de Fátima de Souza defendeu a dissertação A EDUCAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19 (2020): UMA ANÁLISE DA INDÚSTRIA CULTURAL DIGITAL “NOVA ESCOLA” aprovada no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco em 30 de abril de 2021 pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Allan da Silva Coelho  
Orientador e Presidente

Profa. Dra. Milena Moretto  
Examinadora

Prof. Dr. Wanderley Florêncio Garcia  
Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao professor Allan da Silva Coelho pela orientação.

Aos professores Milena Moretto e Wanderley Florêncio Garcia, por aceitarem participar da banca examinadora e trazerem importantes considerações para a conclusão do trabalho.

A todos os demais professores do curso, os quais ministraram aulas com excelência, possibilitando muita aprendizagem e conhecimento. Especialmente, aos professores Maria de Fátima Guimarães, Nilo Agostini, Luzia Batista, Luzia Bueno, Adair Mendes Nacarato e Milena Moretto.

A Capes, pelo apoio financeiro. À Universidade São Francisco e a seu colegiado, por acolherem meu projeto. À professora e coordenadora do programa Ana Paula Freitas.

A toda família, principalmente, meus pais: pela vida, pelos cuidados e educação, os quais possibilitaram a chegada a este momento tão especial. A meus irmãos: Valdir, Sandra e Silvia por todo apoio, solidariedade e parceria, não só durante o mestrado, mas em toda vida.

A todos os colegas pelas discussões e trocas de experiência. Especialmente: à Adriana e à Elaine por todo apoio, disposição e amizade durante a conquista desta nova etapa.

*“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”*

Paulo Freire

SOUZA, Conceição de Fátima de. **A Educação Durante a Pandemia do Covid-19 (2020): Uma Análise da Indústria Cultural Digital “Nova Escola”**. Dissertação de Mestrado. 2021. 70p. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação. Universidade São Francisco. Itatiba/SP.

## RESUMO

O presente trabalho, financiado pela CAPES<sup>1</sup>, está inserido na linha de pesquisa: Educação, Sociedade e Processos Formativos. A pesquisa busca propor uma reflexão sobre a “indústria cultural” na educação, bem como sobre suas implicações na formação do “sujeito” e na possibilidade de resistência, sob o ponto de vista da proposta educacional freireana no que corresponde à formação de um “sujeito” consciente, crítico, capaz de atuar positivamente na sociedade. Mais especificamente, tendo em vista o avanço tecnológico das últimas décadas, o qual permitiu a aceleração informacional, assim como o acesso global e imediato às notícias, objetiva-se compreender os reflexos dessa expansão informacional na produção cultural da educação. Para isso, selecionou-se, como marco temporal, o ano de 2020 e, como fonte dos dados, a plataforma digital “Nova Escola”, ensejando questionar quais são os discursos propagados que buscam legitimar o uso das tecnologias na educação. O respaldo teórico para as análises dos dados consistiu naquele que se situa na perspectiva da Filosofia da Educação, o qual ancora os temas: indústria cultural, discutido por Adorno e Horkheimer (1985); ideologia, por Löwy (2010) e Chauí (2008, 2016); formação e educação, por Freire (1967, 1987, 1996, 1999, 2003, 2006, 2011, 2014). A investigação evidenciou elementos de um proposital discurso para conformar a sociedade às ideologias da elite dominante, num processo pautado pelo conhecimento superficial, propício à alienação e à manipulação dos sujeitos. Espera-se que os resultados obtidos com as análises possam contribuir com as novas reflexões sobre o processo formativo e o trabalho docente, assim como sejam materiais de resistência à “Indústria Cultural” da educação, de modo a tornar compreensível que a formação do professor, além de técnica e profissional, também precisa ser social e política.

Palavras-chave: Indústria Cultural; Ideologia; Educação; Formação.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

SOUZA, Conceição de Fátima de. **Education During the Covid-19 Pandemic (2020): An Analysis of the Digital Cultural Industry “New School”**. Masters Dissertation. 2021. 70p. Stricto Sensu Graduate Program in Education. University of San Francisco. Itatiba/SP.

## ABSTRACT

The present work, financed by CAPES<sup>2</sup>, is inserted in the research line: Education, Society and Formative Processes. The research seeks to propose a reflection on the "cultural industry" in education, as well as on its implications for the formation of the "subject" and the possibility of resistance, from the point of view of the Freirean educational proposal, which corresponds to the formation of a "subject" conscious, critical, able to act positively in society. More specifically, considering the technological advances of the last decades, which allowed the informational acceleration, as well as the global and immediate access to the news, the objective is to understand the reflexes of this informational expansion in the cultural production of education. For this, the year 2020 was selected as a time frame and the digital platform “New School” was selected as the data source, giving rise to questioning which are the propagated discourses that seek to legitimize the use of technologies in education. The theoretical support for the data analysis consisted of that which is situated in the perspective of the Philosophy of Education, which anchors the themes: cultural industry, discussed by Adorno and Horkheimer (1985); ideology, by Löwy (2010) and Chauí (2008, 2016); training and education, by Freire (1967, 1987, 1996, 1999, 2003, 2006, 2011, 2014). The investigation evidenced elements of a purposeful discourse to conform society to the dominant elite's ideologies, in a process guided by superficial knowledge, conducive to the alienation and manipulation of subjects. It is hoped that the results obtained from the analyzes can contribute to new reflections on the training process and the teaching work, as well as being materials of resistance to the "Cultural Industry" of education, in order to make it understandable that teacher training, in addition to being technical and professional, it also needs to be social and political.

Keywords: Cultural Industry; Ideology; Education; Training.

---

<sup>2</sup> This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABMES – Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior  
APEOESP – Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo  
BNCC – Base Nacional Comum Curricular  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CNE – Conselho Nacional de Educação  
COVID 19 – Doença do Coronavírus  
EAD – Educação à Distância  
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio  
FEPEMG – Fórum Estadual Permanente de Educação de Minas Gerais  
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Anísio Teixeira  
INSPER – Instituto de Ensino e Pesquisa  
MEC – Ministério da Educação  
MTV – Music Television  
OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico  
OMS – Organização Mundial da Saúde  
PEB – Professor de Educação Básica  
R7 – Rede Record  
RA – Registro do Aluno  
SARS-CoV-2 – Coronavírus  
TVA – Televisão Abril

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>INDÚSTRIA CULTURAL E AS QUESTÕES IDEOLÓGICAS.....</b>	<b>15</b>
1.1. Indústria Cultural como categoria para pensar a ideologia.....	18
1.2. As funções sociais da ideologia.....	23
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>A EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE: RESISTÊNCIA À INDÚSTRIA CULTURAL</b> .....	<b>30</b>
2.1. As mídias em diálogo com a pedagogia de Paulo Freire.....	30
2.2. Educação Consciente e Crítica para a liberdade.....	35
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>UM EXEMPLO DA INDÚSTRIA CULTURAL DIGITAL “NOVA ESCOLA”</b> .....	<b>40</b>
3.1. O “Novo Normal” na educação.....	41
3.2. Associação “Nova Escola”.....	44
3.3. “Nova Escola” digital.....	47
3.4. Uma análise da Indústria Cultural Digital “Nova Escola”.....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>66</b>

## INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa situa-se no contexto da educação durante a pandemia da Covid-19, uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual teve início na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, e se espalhou para países de outros continentes, incluindo o Brasil, durante o ano de 2020 (OMS, 2021).

Como consequência de sua distribuição geográfica, declarou-se pandemia mundial na data de 11 de março de 2020 (OMS, 2021). Para conter a disseminação do vírus, foi necessário adotar várias medidas sanitárias e o isolamento social. Dessa forma, o Brasil, assim como outros países do mundo, tomou providências a respeito da educação. No dia 17 março, por meio da Portaria nº 343, o Ministério da Educação (MEC) se

[...] manifestou sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia da COVID-19, para instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino. Posteriormente, tal Portaria recebeu ajustes e acréscimos por meio das Portarias nos 345, de 19 de março de 2020, e 356, de 20 de março de 2020.

Além da variedade de medidas estabelecidas pelos diversos níveis de governo (municipal, estadual e federal), o que já era realidade virtual nas instituições de educação superior estendeu-se a todos os níveis de ensino em 18 de março de 2020, quando o Conselho Nacional de Educação veio a público:

elucidar aos sistemas e às redes de ensino, de todos os níveis, etapas e modalidades, considerando a necessidade de reorganizar as atividades acadêmicas por conta de ações preventivas à propagação da COVID-19. Em decorrência deste cenário, os Conselhos Estaduais de Educação de diversos estados e vários Conselhos Municipais de Educação emitiram resoluções e/ou pareceres orientativos para as instituições de ensino pertencentes aos seus respectivos sistemas sobre a reorganização do calendário escolar e uso de atividades não presenciais (MEC, 2020, *on line*).

As orientações para reorganizar o calendário escolar permitiram o uso de atividades não presenciais como possíveis para a contagem dos dias letivos. Essas atividades não presenciais variaram de acordo com o tipo de rede de ensino (federal, estadual e municipal), o nível escolar e, em especial, em função do setor (público ou privado). Dessa forma, o uso de aulas mediadas pelas tecnologias de comunicação foi explorado de múltiplas formas durante esse período de isolamento social.

Assim, a “indústria cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) digital que já era uma realidade crescente a ser considerada e problematizada, devido a seus interesses mais comerciais do que formativos, tornou-se um tema central e uma realidade imediata a ser absorvida por professores e alunos dos mais diferentes níveis e situações socioeconômicas, diante de um cenário pandêmico crescente, sem expectativas de solução em curto prazo.

Tendo em vista a necessidade de refletir acerca da educação sob a influência midiática num contexto de avanço tecnológico, conjecturou-se que o setor empresarial encontraria meios de beneficiar-se da crise sanitária da Covid-19 para propagar um discurso ideológico, propondo, para isso, um tipo de educação mediada pela tecnologia. Durante as investigações para validar ou não a hipótese mencionada, chamou-nos a atenção um segmento educacional financiado por grandes setores empresariais, dentre eles, o de responsabilidade do bilionário brasileiro Paulo Jorge Lemann.

Constatamos, desse modo que, se por um lado temos uma solução emergencial de ensino frente à pandemia, de outro lado, temos os interesses de um setor das empresas e conglomerados das mídias eletrônicas que aproveitam a tragédia como oportunidade de investimento na educação. Tal conclusão foi possível a partir da categoria filosófica de ideologia, conforme propõem os autores Chauí (2008 e 2016) e Löwy (2010), cujos estudos permitem perceber como se ocultam os reais interesses quando tal segmento educacional vislumbra o financiamento por instituições sem fins lucrativos.

Igualmente, é válido frisar que, mesmo considerando que o retorno de tal segmento não signifique diretamente e explicitamente o aumento do patrimônio de tais financiadores, existe a ideia de uma educação mediada pela tecnologia, o que leva, por conseguinte, à venda de materiais digitais direcionados a professores, sobretudo, da educação básica, bem como todo recurso público destinado a bolsas de estudo para alunos do ensino à distância – EAD – em instituições de ensino privadas, fato que colabora com segmentos políticos que defendem a privatização da educação no Brasil.

Com a intenção de compreendermos melhor esse cenário, buscamos uma reflexão sobre a possibilidade de emprego das categorias de “indústria cultural” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), atualizando-a como “indústria cultural digital”. Mais especificamente, vislumbramos verificar os elementos ideológicos propostos pelos autores durante a investigação de nosso objeto estudo: a plataforma digital “Nova Escola” (segmento educacional). Também pretendemos analisar as implicações da plataforma para a formação do “sujeito”. Nossa hipótese é que a antiga Revista Nova Escola, tão presente nas salas de aula – ao menos nas das redes públicas, visto que há convênios financeiros com sua editora – agora

em sua versão digital, pode ser utilizada como um bom exemplo para percebermos a aplicabilidade do arsenal crítico advindo da tradição da escola de Frankfurt (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), a partir de sua atualização na Filosofia da Educação no Brasil.

O objetivo específico apresentado vai ao encontro da possibilidade de resistência, a qual é compreendida por nós do ponto de vista da proposta educacional de Freire (1967), mais precisamente, no que tange à formação de um “sujeito” conscientemente crítico, capaz de atuar positivamente na sociedade, visto que consideramos ser necessário desmascarar uma educação revestida de valores, cuja intenção é a de manter a sociedade numa eterna desigualdade social.

O avanço tecnológico das últimas décadas permitiu a aceleração informacional, proporcionando acesso global e imediato às notícias. Portanto, visando a entender os reflexos de tal expansão informacional na produção cultural da educação, selecionamos, dentre tantos produtos culturais destinados ao público-alvo de professores, os quais são compreendidos como clientes, um segmento educacional de maior repercussão entre esses profissionais da educação básica: a plataforma digital “Nova Escola”.

A delimitação temporal desta pesquisa corresponde ao ano de 2020, o qual sofreu a realidade da crise sanitária pandêmica. Dentre as inúmeras publicações da Plataforma “Nova Escola”, as quais serão detalhadas no capítulo três, selecionamos aquelas que abordaram a temática do “Novo Normal”, a qual foi popularizada por diferentes segmentos midiáticos na tentativa de estabelecer um momento de virada da época não apenas na vida, mas, em especial, na Educação, a partir da imposição das tecnologias de mídia e de comunicação como formas de método, quando não de conteúdo pedagógico.

Para a análise de nosso objeto de estudo, partimos, portanto, das questões: quais são os discursos propagados e que usos são aplicados nesta plataforma “Nova Escola”, os quais buscam legitimar o uso das tecnologias na educação? Para responder tal questionamento, fizemos uma revisão bibliográfica, a qual se ancora no quadro categorial em torno dos seguintes temas: “indústria cultural” desenvolvido por Adorno e Horkheimer (1985); ideologia, por Löwy (2010) e Chauí (2008, 2016); formação e educação, por Freire (1967, 1987, 1996, 1999, 2003, 2006, 2011, 2014).

A parte teórica do trabalho vislumbra apresentar os conceitos frankfurtianos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), na sua aplicação contemporânea. Em outras palavras, ela apresenta o conceito de “ideologia” a partir de autores contemporâneos, e busca um diálogo propositivo com a forma como Freire discute a educação e a mídia, seja da mídia como educação, seja da educação como forma de comunicação.

A investigação indica evidências de um proposital discurso para conformar a sociedade às ideologias da elite dominante, num processo pautado pelo conhecimento superficial, propício à alienação e à manipulação dos “sujeitos”, de modo que venham a tornar-se apenas consumidores e reprodutores de conteúdos dispostos nas mídias.

Considerando tais asserções, acreditamos ser necessário compreender que o progresso tecnológico é importantíssimo para a humanidade, pois ele contribui para o desenvolvimento em diferentes esferas como: social, cultural e econômica. Porém, quando utilizado como instrumento de controle, opressão ou dominação, pode representar uma catástrofe que determina o regresso da essência humana, a desvalorização da vida.

Segundo Löwy (2002, p. 204), Walter Benjamin, no início do século XX, considerou o progresso uma catástrofe, “[r]ejeitando o culto moderno da Deusa Progresso, Benjamin coloca no centro de sua filosofia da história o conceito de catástrofe”. Em uma das notas preparatórias às Teses de 1940, observa: “A catástrofe é o progresso, o progresso é a catástrofe”. Compreendemos, desse modo, que o progresso não pode suprimir o que há de mais importante que é a vida.

O conceito de “indústria cultural” de Adorno e Horkheimer (1985) nos permite entender a articulação entre cultura, capitalismo e forma de comunicação na transmissão da ideologia; o qual foi interpretado, nesta pesquisa, em função da atualidade digital. Embora haja a necessidade de ressituar o conceito face ao contexto atual e aos objetivos de nossas investigações, verificamos que permanecem os interesses ideológicos em naturalizar os discursos que forjam a legitimidade de um tipo de educação, a qual interessa a um grupo específico ligado ao poder econômico e ao poder político dominante.

Tendo em vista tal permanência ideológica, a nosso ver, há a necessidade de um contraponto a tal discurso, o qual, mesmo revestido de criticidade e autonomia, insiste em propor relações de ensino-aprendizagem carregadas de preconceito, bem como em reproduzir conteúdo de forma semelhante ao que propõe o método de ensino tradicional. Há de se lembrar ainda, que tal estado das coisas corrobora com e fortalece as iniciativas de determinados grupos conservadores, os quais visam a inibir o tratamento de determinados temas na escola, desconsiderando a diversidade e, portanto, a prática dialógica.

Com relação à ausência de diálogo, Freire (1987, p. 33) afirma que: “[q]uanto mais analisamos as relações educador-educando nas escolas, em qualquer de seus níveis, [...], parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante - o de serem relações fundamentalmente narradoras [...]”. Em outras palavras, as

relações na escola tendem a ser monológicas, nas quais o aluno apenas recebe as emissões do professor, assim como ocorre nos meios de comunicação.

Tais alunos, portanto, não são estimulados a construir seus próprios saberes. Eles não se envolvem no processo de aprendizagem e, por consequência, têm seus conhecimentos limitados a um nível superficial de aprendizagem. Dessa forma, segue-se a mesma lógica reprodutora da indústria cultural, a qual instaura suas ideologias pela prática da emissão repetida de seus enunciados, impossibilitando o desenvolvimento de uma consciência crítica. Essas são práticas que afetam o protagonismo escolar com a falta de comprometimento, de responsabilidade, uma vez que o aluno não se vê como parte fundamental do processo educacional, o que vai refletir também na sua condição de cidadão, pois ele não se vê como parte importante da sociedade, nem como responsável por seus atos.

Sendo assim, esperamos que os resultados desta pesquisa possam trazer contribuições para novas reflexões sobre o processo formativo, sobre o trabalho docente, bem como sirva de material para resistência à “Indústria Cultural” da educação, visando a elucidar que a formação do professor precisa ser, além de técnica e profissional, social e política.

Para tanto, organizamos esta dissertação em três capítulos. No primeiro, contextualizamos, historicamente, a “indústria cultural”; discutimos a relação de indústria cultural com o capitalismo, com a formação ideológica e também com a forma digital. No segundo capítulo, discutimos sobre a indústria cultural, as consequências da alienação, bem como sobre a educação na perspectiva freireana em resistência à indústria cultural da educação. No terceiro, trazemos as discussões sobre os resultados das análises da plataforma digital “Nova Escola”, mais especificamente, sobre os textos que versam sobre a educação no cenário da pandemia, no ano de 2020, os quais abordam o tema “Novo Normal” da educação. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

## CAPÍTULO I

### INDÚSTRIA CULTURAL E AS QUESTÕES IDEOLÓGICAS

No desenvolvimento da globalização, convergem diferentes processos os quais articulam as tecnologias, os meios de comunicação, a cultura em torno do eixo da produção econômica e a geração de lucro. Trata-se da configuração de um tipo de sociedade na qual a cultura se articula com a economia de modo peculiar. F. Jameson (2001) analisou esse processo de modo crítico, afirmando que, no capitalismo tardio, a desdiferenciação das esferas da cultura e da economia representa um tipo de colonização do cultural pelo econômico. Nesse contexto, as informações assumem valores econômicos, isso é, são produzidas, circulam e geram dinheiro no mesmo movimento. Desse modo, hoje, a cultura de uma sociedade se caracterizaria pela produção e reprodução de informações.

Os eventos de transformação cultural, por sua vez, são mediados por um crescente desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação, os quais tiveram início com a expansão industrial no início do século passado, desencadeando o processo de descaracterização cultural, a qual passa a ser condicionada ao status de simples produto informativo e mercadológico. Tal transformação levou Adorno e Horkheimer, em 1947, a conceberem o fenômeno através de um novo conceito: a “indústria cultural” com “[...] o interesse de caracterizar uma produção que não promana de um genuíno saber popular, mas sim dos interesses do mercado” (ZUIN; PUCCI; OLIVEIRA, 2008, p. 120).

Nessa perspectiva, o mais importante não é o acesso às informações que, ilusoriamente, parecem estar disponíveis de modo democrático a todos. Segundo os autores, o que realmente importa são os usos diversos das informações que potencializam, sob o pretexto de atender necessidades humanas, a produção e acúmulo de lucro. Assim, a relação entre a informação e sua aplicação, real ou fictícia, na expectativa de adequar as condições de vida humana a suas aspirações, seria o que chamamos de conhecimento<sup>3</sup>.

Distinguir se vivemos em uma sociedade da informação ou do conhecimento é um tema importante, entretanto, ele não altera o contexto de nossa reflexão sobre uma sociedade onde os aspectos culturais da produção de saber estão colonizados pelas lógicas econômicas. Da mesma forma, com a pandemia mundial do coronavírus e seus milhares de mortos, surgem várias vozes empresariais defendendo uma radical modificação no uso dos meios de comunicação na educação.

---

<sup>3</sup> Sobre isso, veja Jung Mo Sung, 2005, cap.06.

Nesse contexto urgente, é importante pensar sobre a relação implícita entre diferentes formas de mídia e a ideologia do capitalismo, visto que a produção e a difusão de conhecimento são seletivas e desiguais, atendendo aos horizontes de expectativa da sociedade capitalista neoliberal. Essa relação está quase sempre submetida aos interesses do mercado, isso é, tem como finalidade básica a busca do lucro.

Quanto a isso, Sung (2005) afirma que parte da geração de lucro vem da aplicação do conhecimento no sistema produtivo, como, por exemplo, no desenvolvimento tecnológico de programas de computadores, de microprocessadores ou de *smartphones*, onde o valor em si não é o fundamental, mas sim o que está agregado de conhecimento e de valor simbólico. Podemos dizer que outra parte significativa vem das possibilidades que o acúmulo gigantesco de dados pessoais e hábitos de vida permitem repensar e/ou configurar esse próprio modo de viver como formação.

Essas questões indicam uma articulação entre o que em outro momento se chamou de estrutura e superestrutura, pois a base econômica da sociedade, a qual assegura a produção que leva ao lucro, tem profunda relação com a configuração simbólica que seus produtos proporcionam ao modificarem as condições a partir das quais circulam informações e comunicação. Ademais, a base econômica, concomitantemente, expressa um movimento dialético que configura e é configurado pela dinâmica econômica implícita na vida cultural. Quando a produção e a transmissão das formas simbólicas que permitem organizar a visão de mundo das pessoas é cada vez mais mediada pelas instituições e meios de comunicação de massa, constitui-se o processo formativo que se chamou de cultura midiática (MOREIRA, 2003).

Moreira (2003) leva-nos a refletir sobre este contexto que apresenta profundos desafios educacionais. O autor destaca que os meios de comunicação e sua dinâmica de circulação constituem um ambiente que fornece às pessoas as coordenadas para se localizarem no mundo. Segundo ele, mesmo sem uma ação completamente intencional, isso é, mesmo que não haja um plano determinado ou projeto pedagógico explícito, uma certa convergência de modos de funcionar articula um sentido e certa coerência para a vida cotidiana das pessoas.

Os apontamentos de Sung (2005) e de Moreira (2003) indicam uma ampla problemática à qual precisam atentar-se todos aqueles e aquelas que pensam a Filosofia da Educação. Em outros termos, é imprescindível pensarmos e problematizarmos sobre as bases ideológicas que articulam os sentidos, os símbolos e as plausibilidades em que se torna possível a vida humana em nossa época. Seja pelo viés da sociedade do conhecimento ou

pela abordagem da cultura midiática, é, portanto, necessária a compreensão do conjunto da dinâmica do capitalismo tardio, no sentido empreendido por Ernest Mandel, consoante Jameson (2000), uma vez que grandes empresas e corporações de comunicação assumem um papel central na difusão de padrões e maneiras de viver humanos.

Para colaborar com a reflexão sobre essa temática, propomos verificar a possibilidade de articular categorias básicas da Filosofia, visando a explicitar a possibilidade da crítica da ideologia que se difunde nesse *modus operandi*. Se a difusão da informação ou do conhecimento pode ser central na ideologia capitalista neoliberal, vale ressaltar que uma dimensão humana do pensar é o uso da inteligência também para a busca da sabedoria, como um tipo de reflexão que permite o “discernimento para se viver uma vida mais humana e humanizadora” (SUNG, 2005, p.75). Esse é um pressuposto: pensar a relação dos meios de comunicação e a formação do humano a partir de seu aspecto visível da configuração ideológica, em vista de sua crítica na perspectiva humanizadora (em uma época em que as dificuldades da pandemia pressionam pelo uso definitivo das mídias na educação).

Acreditamos, portanto, que apostar numa educação capaz de fazer uma leitura de mundo mais consciente, de modo a evidenciar que os processos fundamentais da vida humana acontecem marcados pelas ideologias difundidas nos meios de comunicação diariamente, são desafios permanentes.

A propagação ideológica é expandida pelos avanços tecnológicos nos meios de comunicação. Atualmente, por exemplo, presenciamos um “boom” digital, possibilitado por ferramentas como *notebooks*, *tablets* e *smartsphones*, bem como pela massificação do acesso à internet. Trata-se de um processo de democratização de acesso, o qual se associa à missão de difusão dos fundamentos das ideologias da classe dominante aos lugares mais remotos. As ideologias da “classe dominante”, dessa forma, são produzidas e difundidas com convicção, servindo para a manutenção das sociedades em suas tarefas de produzir e de consumir.

Neste capítulo, pretendemos contribuir com a reflexão sobre os processos formativos derivados do funcionamento dos meios de comunicação, a partir de seus aspectos de reprodução ideológica do pensamento dominante, hoje, conhecidos como a hegemonia neoliberal, a qual, em tempos de pandemia, encontra-se nos recursos educacionais, considerados como neutros e indispensáveis. Essa abordagem permite discutir o tema do fetichismo como fundamento ideológico desta época.

Nesse sentido, nas próximas seções, primeiramente, verificaremos como a contribuição do conceito frankfurtiano de “indústria cultural” permite um estudo do clássico conceito de ideologia. Em seguida, nos propomos às primeiras reflexões educacionais, tendo

como referência teórica as obras de Freire. Trata-se de uma revisão teórica que mobiliza certas categorias, procurando incentivar abordagens interdisciplinares, vislumbrando uma compreensão da mídia e dos processos formativos sob a perspectiva da transformação da sociedade.

### **1.1. Indústria Cultural como categoria para pensar a ideologia**

Adorno (1995, p. 181), em uma passagem da obra “Educação e Emancipação”, afirma que “a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência”. Trata-se, portanto, do debate sobre os diferentes processos formativos através dos quais as pessoas “absorvem e aceitam” modos de consciência.

Garcia (2020, p. 11), em sua tese de doutorado, afirma que “Adorno e Horkheimer compreenderam a indústria cultural como um complexo sistema midiático utilizado para promover a integração dos indivíduos ao capitalismo”. Garcia (2020) assim discorre referindo-se aos estudos que compõem o livro “Dialética do Esclarecimento”, de 1944, no qual Adorno e Horkheimer discutem o conceito de “Indústria Cultural”, descrevendo-o como um fenômeno cultural que se alastrou pelo mundo, a partir do início do século XX, condicionado pela expansão industrial e pelo advento do capitalismo.

O capitalismo seria, conforme Wood (2001, p. 12), “um sistema em que os bens e serviços, inclusive as necessidades mais básicas da vida, são produzidos para fins de troca lucrativa”, em que todos dependem do mercado e a “competição e da maximização do lucro são as regras fundamentais da vida”.

O capitalismo e a comunicação não se associaram somente no século XX, nesse período histórico surgem as condições para um novo modo de colaboração em que a cultura desloca sua função de representação do imaginário de um povo para assumir, cada vez mais, uma função de produção e implantação de ideologias mercadológicas em sintonia com o espírito das sociedades consumidoras. Adorno e Horkheimer (1985, p. 111) afirmam que:

O entretenimento e os elementos da indústria cultural já existiam muito tempo antes dela. Agora, são tirados do alto e nivelados à altura dos tempos

atuais. A indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feitiço das mercadorias.

Os novos recursos dos meios de comunicação viabilizam a instauração da indústria cultural, tornando a cultura um indicador de grande lucratividade. Sua racionalidade técnica se fortalece pelo viés de quem se utiliza dela. O poder financeiro de quem produz os bens e serviços rege as demandas e os consumos. As pessoas aspiram por uma valoração mistificada no poder de consumo.

Porém, essa valoração é uma criação ilusória, visto que ela condiciona as pessoas ao consumo, o que favorece a classe proprietária dos meios de difusão, pois ela se torna cada vez mais rica. Segundo Löwy (2010, p. 12), o caráter negativo da ideologia era indicado por Karl Marx (1846) como um “[...] conceito pejorativo, um conceito crítico que implica ilusão, ou se refere à consciência deformada da realidade que se dá através da ideologia dominante: as ideias das classes dominantes são as ideologias dominantes na sociedade”.

Na abordagem dos frankfurtianos, por seu turno, a propagação dessa ideologia da classe dominante capitalista é articulada com a produção de uma indústria cultural que avança por meio de recursos tecnológicos cada vez mais rápidos e abrangentes na indústria da comunicação. Esses últimos promovem entretenimento para os trabalhadores, mantendo-os no sistema de poder social e, principalmente, financeiro. Novamente, segundo Garcia (2020, p. 18),

O papel fundamental da indústria cultural é promover a integração do indivíduo ao modelo de sistema capitalista. Para isso, sua principal tarefa é promover a diversão desinteressada do indivíduo, de forma que, em seu descanso do trabalho, ele se prepare para a jornada seguinte e aceite plenamente e com convicção seu lugar no sistema capitalista.

Enquanto ideologia modeladora de uma visão de mundo, o aspecto cultural colabora para a construção de uma convicção de pertencimento. Por meios, de diversão e distração, cimentam integração e adesão<sup>4</sup>. Trata-se, dessa maneira, de uma cultura que não visa a uma reflexão crítica ou a uma formulação de “outra sociedade possível”, mas que promete integrar através do consumo de bens mercadológicos (e de bens mercadológicos, como símbolos culturais). Nesse sentido, para aqueles que se enriquecem com a indústria cultural, a cultura

---

<sup>4</sup> Veja mais em COELHO, 2021.

não é apenas uma profunda expressão humana, mas é um produto lucrativo. Em outras palavras, é:

um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100)

Para os autores, uma característica desta configuração social é a dominação e o controle não pela hostilidade, mas pela diversão: “A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.113), parecendo ser seu escape. Enquanto processo educativo, habitua os sentidos e favorece a resignação. Procura desmontar qualquer espaço de resistência, na apologia da sociedade como ela é. Busca educar para estar de acordo, concordar (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.119).

Outra característica da indústria cultural é a padronização. Para conquistá-la, o método consiste em convencer o maior número de pessoas possível para que elas necessitem e gostem do produto ofertado. Trata-se de um cenário que visa à padronização econômica e cultural, para uma produção em massa, tanto de produtos materiais, quanto intelectuais. A arte, que antes representava a cultura de uma sociedade, passa a ser uma produção capitalista com fins lucrativos. “[A] técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série [...]. Isso, porém, não deve ser atribuído a uma lei evolutiva da técnica enquanto tal, mas à sua função na economia atual” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100). Garcia (2020, p. 17) explicita a profundidade desse processo na educação da subjetividade ao afirmar que:

[Por] meio da padronização dos conteúdos se dá outra importante característica da indústria cultural: a manipulação retroativa. Acostumado a um padrão, o público passa a se interessar por aquilo que o repete e rejeita o que lhe é estranho. O desejo do público é construído pela indústria cultural, que não molda apenas os produtos, mas a reação a eles.

Nesse processo, temos uma inversão de sentido condicionada pela construção ideológica produzida e propagada nos meios de comunicação. Ao invés de criar produtos de que as pessoas necessitem, cria-se a necessidade pelos produtos, um processo fundamental da lógica do fetichismo. Trata-se de uma construção ideológica para o consumo. Além dela, também existe a construção ideológica para manter a exploração do trabalho, que condiciona as pessoas a trabalharem exaustivamente para conquistar o que as classes mais altas têm, de modo a se sentirem dentro do sistema. Para Garcia (2020, p. 18), “a indústria cultural busca a

integração do indivíduo ao sistema que o oprime pela exploração do trabalho. Há uma construção do desejo, de forma que as classes mais baixas aceitam melhor a ética do sucesso que as classes mais altas”.

Enquanto os recursos dos meios de comunicação aumentam o acesso ao conhecimento, tornando-o universal, eles obstruem a consciência individual. Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 42) “a metamorfose que transformou o mundo em indústria, a perspectiva do universal, a realização social do pensamento, abriu-se tão amplamente que, por causa dela, o pensamento é negado pelos próprios dominadores como mera ideologia”. A formação cultural está à mercê de interesses de um grupo dos capitalistas. “Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.100).

Portanto, Adorno e Horkheimer (1985) destacam que a indústria cultural se caracteriza pela produção cultural, a qual contém a carga ideológica da classe dominante, bem como a funcionalidade de manter o sistema capitalista com a produção de consumidores assíduos para a vazão da produção de bens, serviços e cultura (toda forma de arte ganhou características de produto lucrativo). Para tanto, são utilizados os meios de comunicação para propagação contínua dessas ideologias permeadas como formas culturais. Assim, dá-se sempre continuidade ao controle financeiro, social e político exercido pela classe dominante. Um processo ideológico sofisticado no fetichismo.

Apesar das considerações de Adorno e Horkheimer (1985) terem um contexto histórico específico em vista, diferente do contemporâneo, suas contribuições se fazem pertinentes ainda hoje, uma vez que tal indústria tem a seu favor recursos tecnológicos cada vez mais avançados, potencializando sua difusão. As grandes corporações comandam um monopólio de produção, além dos bens materiais. Elas também produzem ideias, as quais são geradas e propagadas, obedecendo à lógica do sistema capitalista. Desta forma, tem-se uma dinâmica mercadológica que, apesar de parecer, não é apenas econômica, mas também política e social.

Tal dinâmica é gerada e controlada por uma pequena parcela de pessoas: a “classe dominante”, que oprime e explora a “classe trabalhadora”, para enriquecer-se cada vez mais. Os meios utilizados pela classe dominante são a criação e a propagação de ideias, as quais formam ideologias e se estruturam nas culturas, passando a moldar as sociedades.

A mídia e os meios de comunicação estão dentro dessa dinâmica capitalista. São empresas de propriedade privada, cujo principal propósito é o acúmulo de capitais. A meta é sempre aumentar a produção e as vendas, gerando lucros exorbitantes. Para conquistar os

lucros, as pessoas detentoras do poder – não apenas político e financeiro, mas também da informação – usam-no para doutrinar e dominar os pensamentos da maioria das pessoas, as quais são condicionadas a trabalhar para suprir as necessidades da classe dominante. Segundo Marx e Engels (2002, p. 48):

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes [...] a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante [...] a classe que dispõe dos meios de produção material dispõe também dos meios de produção intelectual.

Os conceitos e costumes que dominam a cultura nas sociedades contemporâneas são condicionados pelo sistema capitalista. “A partir do século XVIII, com a emergência da sociedade o mercado foi tomando conta da vida e lastreando as relações na sociedade” (AGOSTINI, 2009, *on line*). No século seguinte, as relações sociais foram completamente tomadas pela ditadura do capitalismo, fundamentadas pelo acúmulo de bens.

No século XX, o capitalismo consolidou-se como eixo central da sociedade. Essa valorização do capital como norteador das relações sociais, políticas e culturais desencadeou uma dissolução dos preceitos comuns de moral, criando-se fundamentos individuais e autônomos, gerando uma fragmentação e desvalorização de sua importância na sociedade. “Fundada na racionalidade humana e na ação autônoma do indivíduo, a modernidade buscou a emancipação de toda heteronomia pré-moderna; isso transformou a moral em mero adendo, sem muita importância” (AGOSTINI, 2009, *on line*).

Juntamente ao capitalismo, na atualidade, convivem o pensamento neoliberal e as leituras sobre os períodos da Modernidade e da Pós-Modernidade, os quais precisam ser considerados quando propomos reflexões e indagações sobre as crises contemporâneas. Para Sanfelice (2001, p. 302), a Modernidade e a Pós-Modernidade são: “Uma interlocução permeada de indagações e com ensaios de reflexão, na qual se pontua a crise da educação, a crise dos valores e da ética, no seu relacionamento com as condições do capitalismo hoje e também com o pensamento neoliberal”.

Nas sociedades capitalistas, a educação crítica dos indivíduos, base de sua formação emancipatória, encontra-se travada, realizando-se apenas como adaptação, obstruindo a capacidade de reconhecimento de sua própria dominação. Severino destaca as considerações de Adorno (1995), que considera essa situação como um “travamento da experiência emancipadora”. “A qualificação essencial da educação emancipadora encontra-se na dissecação visceral do nexos entre dominação e racionalidade” (SEVERINO, 2006, p. 632).

No sistema capitalista, interessa à padronização cultural a produção em massa para a conquista de mais consumidores. Essa produção obstruiu as “[...] formas de conhecimento que desvendam a realidade e instituem relações com o verdadeiro, tornarem-se dissimulação, ilusão falsificadora, publicidade e propaganda” (CHAUI, 2008, p.61).

Assim, as grandes empresas de comunicação controlam o material exposto pela mídia, atuam pelas diretrizes do capitalismo, visando sempre a aumentar a lucratividade. Divulgam produtos, ideias e tendências, cobram preços altíssimos por isso não se preocupam com a ética. Transformam as pessoas em meros espectadores passivos de suas condições, subtraídos de suas características essenciais de aprendizagem e conhecimento; são negligenciados de seus direitos civis, vivendo uma ilusão de democracia.

## 1.2. As funções sociais da ideologia

O conceito de ideologia é complexo pela diversidade de sentidos que lhe foram atribuídos ao longo dos séculos. Para Löwy (2010, p. 10), isso ocorre devido à “[...] acumulação fantástica de contradições, de paradoxos, de arbitrariedades, de ambiguidades, de equívocos e de mal-entendidos [...]”.

O filósofo francês Destutt de Tracy, em 1801, inventou o conceito de ideologia, que foi publicado em um livro chamado *Eléments d'idéologie*. Nele, o filósofo traz o conceito em um subcapítulo da zoologia, restringindo-o ao “estudo do relacionamento dos organismos vivos com o meio ambiente, onde trata da questão dos sentidos, da percepção sensorial, através da qual se chegaria às ideias” (LÖWY, 2010, p. 11).

Em 1812, Napoleão Bonaparte atribui outro sentido à palavra em um discurso, confrontando Destutt e seu grupo de enciclopedistas, chamando-os de ideólogos. Para Napoleão Bonaparte, os ideólogos eram “[...] metafísicos, que fazem abstração da realidade, que vivem em um mundo especulativo” (LÖWY, 2010, p. 11). Sentido que fez sucesso e marcou época, devido à posição de autoridade de Napoleão. Décadas depois, em 1846, Karl Marx encontra a palavra em jornais e revistas, a utiliza no conceito napoleônico da falta de realidade e lhe atribui mais um sentido. Marx (1846), em seu livro *A Ideologia Alemã*, “o conceito de ideologia aparece como equivalente à ilusão, falsa consciência, concepção idealista na qual a realidade é invertida e as ideias aparecem como motor da vida real” (LÖWY, 2010, p. 11).

Marx (1846) continua trabalhando o conceito e enumera as formas ideológicas, as quais, segundo ele, são as formas como as pessoas tomam consciência da realidade. São elas: a filosofia, a moral, o direito e as doutrinas políticas, por onde se propagam as ideologias. Nelas, estão as ideias da classe dominante para manutenção do controle social (LÖWY, 2010, p.12). Após Marx (1846), a ideologia ganha um sentido diferente nas obras de Lenin. Este considera que a ideologia está ligada aos interesses de cada classe social. Naquele momento, ocorre a perda do sentido pejorativo, dando lugar às ideias de realidades vinculadas a uma posição específica: da classe burguesa, da classe proletária, entre outras. Segundo Löwy (2010, p. 12), a “ideologia deixa de ter o sentido crítico, pejorativo, negativo, que tem em Marx, e passa a designar simplesmente qualquer doutrina sobre a realidade social que tenha vínculo com uma posição de classe”.

Löwy (2010) segue a teoria marxista, todavia busca esclarecer os vários sentidos de ideologia enunciados até então. Mannheim (1929), por sua vez, com sua obra *Ideologia e Utopia*, também discorre sobre a ideologia a partir desse ponto de vista. Para Mannheim (1929), a “ideologia é o conjunto das concepções, ideias, representações, teorias, que se orientam para a estabilização, ou legitimação, ou reprodução, da ordem estabelecida” (LÖWY, 2010, p. 12). Mannheim (1929) caracteriza dois sentidos para a ideologia, os quais estão vinculados às posições sociais; e que cada grupo tem sua visão social do mundo estabelecida em um conjunto de valores cognitivos, os quais o representam.

Essa última seria a ideologia total, conservadora, estruturada, que defende os valores do grupo e, em oposição a ela, tem-se a ideologia crítica, representada por um conjunto de potenciais ideias, que não estão em vigência, a qual Löwy (2010) denomina de utopia. Nos dois casos, há “[...] uma perspectiva determinada, por um ponto de vista social, de classes sociais determinadas” (LÖWY, 2010, p.13). Todas as ideologias atendem a um princípio: “são produtos sociais” e devem “ser analisadas em sua historicidade, no seu desenvolvimento histórico, na sua transformação histórica” (LÖWY, 2010, p. 15).

Embora a ideologia tenha seus diversos sentidos, através da história, como destacou Löwy (2010), o sentido que nos interessa para a compreensão de seu manifesto nos meios de comunicação é a de uma ideologia formatada para a manutenção do sistema capitalista pela indústria cultural. Nesse sentido, é importante verificarmos a funcionalidade dessas ideologias. Se o aprimoramento dos meios de comunicação social, os quais são constituídos em indústria cultural, cumpre um sofisticado papel de difusão ideológica sob um sistema econômico fetichizado, parece importante considerar a caracterização sistemática da ideologia sob o sistema capitalista.

Na busca pela compreensão da função ideológica na formação das consciências no contexto geral dos mecanismos proporcionados pela indústria cultural, destacamos as considerações da filósofa brasileira Chauí (2016) para quem, acompanhando certa tradição, a ideologia é um conjunto de representações que pré-determinam o modo de vida das pessoas. Essa categoria “pode ser compreendida como um *corpus* de representações e de normas que fixam e prescrevem de antemão o que se deve e como se deve pensar, agir e sentir” (CHAUÍ, 2016, p. 245).

Essa temática está em consonância com os estudos de Sung e Coelho (2019), quando os autores discorrem sobre o fascínio da produção ideológica, o qual se propaga pelos meios de comunicação, implantando valores e modelos de desejo nas sociedades. Para Sung e Coelho (2019, p. 655) a “força mobilizadora que fascina as pessoas para sua adesão ao modo de vida capitalista é o poder de sedução da mercadoria, pelo consumo, no direcionamento de símbolos que gestam modelos de desejo e expectativas de realização humana”.

Nesse cenário, o poder de consumo se transforma em mecanismo de crença aceito como sucesso na categorização de desenvolvimento “humano”. Os autores destacam que este “mecanismo, tacitamente aceito, gesta apostas e organiza sentidos” (SUNG; COELHO, 2019, p. 655). A mercadoria pode ser um produto de consumo tradicional, mas também um bem cultural mercantilizado para o consumo da massa.

Para essa ideologia se efetivar, ela deve criar uma ideia de identificação, de se reconhecer, de pertencimento social, mas, ao mesmo tempo, precisa ser imperceptível. Ela flui e é absorvida como verdade, sem que a pessoa perceba que é uma manifestação ideológica para uma cultura de manipulação. Segundo Chauí (2016, p. 247), sua eficácia “depende da interiorização do *corpus* imaginário, de sua identificação com o próprio real e especialmente de sua capacidade para permanecer invisível”. Também, “da sua capacidade de produzir um imaginário coletivo em cujo interior os indivíduos possam localizar-se, identificar-se [...]”. Além disso, torna-se hegemônica, impondo-se por signos, que não são visíveis.

Nessas representações e normas implicadas nas ideologias, as quais se propagam diariamente nos meios de comunicação, tem-se um propósito de separar as pessoas que “mandam”, daquelas que “obedecem”. Chauí (2016) considera que, tais ideologias são pautadas numa “racionalidade” desprovida de ética, que permitem “pura e simplesmente em separar de modo radical aqueles que decidem ou dirigem e aqueles que executam ou são dirigidos, retirando destes últimos todo e qualquer poder sobre sua própria atividade” (CHAUÍ, 2016, p. 249). A cultura, assim, pauta-se em uma relação social de controle, domínio e exclusão social. Por isso, “o lugar da cultura dominante é bastante claro: é o lugar a

partir do qual se legitima o exercício da exploração econômica, da dominação política e da exclusão social” (CHAUÍ, 2008, p. 59).

Para ter uma lógica que faça as representações parecerem reais, para se tornarem práticas sociais, a ideologia se constitui como um elemento nuclear, sua essência vem dela mesmo e se mantém nela, dando sempre a sensação de ser natural e eterno (é assim mesmo, sempre foi e sempre será). Chauí (2016, p. 247) considera que essa coerência só é possível por:

Dois mecanismos: a lacuna e a ‘eternidade’. Isto é, por um lado, a lógica ideológica é lacunar, ou seja, nela os encadeamentos se realizam não a despeito das lacunas ou dos silêncios, mas graças a eles; por outro lado, sua coerência depende de sua capacidade para ocultar sua própria gênese, ou seja, deve aparecer como verdade já feita e já dada desde todo o sempre, como um “fato natural” ou como algo “eterno”.

A naturalização e a absolutização são processos do fetichismo. Com a expansão das relações humanas e a aceleração da comunicação, muitas vezes, cria-se a ilusão de uma aproximação e de uma semelhança com sociedades que são muito distintas, visto que informações são apresentadas de forma superficial, com o intuito de ocultar, ou “maquiar” verdades para adequar-se aos propósitos de quem as veicula.

Os recursos audiovisuais da atual indústria cultural garantem a manutenção da “racionalidade”. Com eles, cria-se a sensação de participação, de poder de decisão, quando, na verdade, são apenas reduzidos “à posição de mero consumidor e que sua passividade é aumentada pela ilusão de atividade ou de participação, que tais recursos supostamente lhe propiciam, uma vez que não é criador deles, mas seu receptor e, quando muito, seu imitador” (CHAUÍ, 2016, p. 252).

Desse modo, como já dissemos, essas representações são usadas pela classe proprietária para criar uma universalidade imaginária de premissas parciais. Quanto mais pessoas se identificam com as representações, maior é a sua eficácia em generalizar ou padronizar e, assim, as singularidades e especificidades vão se ocultando ou desvalorizando. Nesse processo, a ideologia se fortalece nas lacunas do desconhecimento, na falta de identidade. Chauí (2016, p. 248) considera que, é por causa da

[...] universalização do particular, a interiorização do imaginário como algo coletivo e comum e a coerência da lógica lacunar fazem com que a ideologia seja uma lógica da dissimulação (da existência de classes sociais contraditórias) e uma lógica da ocultação (da gênese da divisão social).

Os eventos atendem o sistema capitalista de produção de bens, serviços e também a produção intelectual. Eles englobam aspectos de fragmentação informacional e, ao mesmo tempo, se expandem e se tornam globais. A velocidade dos eventos, por sua vez, cria a necessidade de urgência, dando a impressão que só existe o agora. Sobre essa questão, Chauí (2008, p. 62) considera que:

A fragmentação e a globalização da produção econômica engendram dois fenômenos contrários e simultâneos: de um lado, a fragmentação e dispersão espacial e temporal e, de outro, sob os efeitos das tecnologias eletrônicas e de informação, a compressão do espaço – tudo se passa aqui, sem distâncias, diferenças nem fronteiras – e a compressão do tempo – tudo se passa agora, sem passado e sem futuro.

Eventos que ocorrem a milhares de quilômetros são compartilhados instantaneamente, causando uma sensação de participação e de socialização. Essas ações tendem a uma padronização cultural e global. E, nesse sentido, apontam grandes indícios de um sistema criado e usado para subtrair a realidade.

Tudo isso está correlacionado à abordagem da dimensão financeira. Para conquistar os lucros, os quais são a finalidade última do sistema capitalista, os detentores do poder (político, financeiro, informacional) utilizam-na para doutrinar e dominar os pensamentos da maioria das pessoas, as quais são condicionadas a trabalhar para suprir as necessidades da classe dominante.

Os conteúdos ideológicos são propagados nos meios de comunicação de forma constante e abrangente. São utilizados modernos equipamentos audiovisuais, condicionando a população – os que “obedecem” - a uma exaustiva exposição aos conteúdos ideológicos das pessoas que “mandam”. A velocidade com que se propagam e sua repetição contínua engloba uma formatação capaz de criar a falsa sensação de participação, de aproximação, de inserção social e poder de decisão. Porém, tudo já foi criado e gerido para manter esse sistema, que é continuamente amplificado pelos avanços tecnológicos nos meios de comunicação.

Para Moser (2011, *on line*) a padronização seria:

Uma leitura muito simplificada de uma realidade incrivelmente complexa. Um olhar mais crítico ainda iria detectar fortes traços ideológicos neste tipo de leitura simplificada: haveria um trabalho sistemático em curso para abafar graves conflitos encontrados nos mais diversos ângulos da realidade; aos que vivem destes conflitos não interessa trazê-los à tona.

Os meios de comunicação difundem ideias de superação de saúde, beleza e até a esperança de prolongamento da vida. Nesse sentido, as pessoas com maior poder aquisitivo não medem as consequências para satisfazer seus desejos. Temos a biotecnologia ditada pelos preceitos capitalistas: quem paga mais?

Essa é uma realidade perigosa e preocupante. Nela, nos deparamos com exemplos alarmantes e “desumanos”, como: tráfico de órgãos; cobaias humanas; manipulação genética para gerar bebês com traços selecionados; propagação de doenças e agrotóxicos, para depois vender remédios e até a criação de clones para extração de órgãos.

Outro traço de ideologia foi fundamentado pela expansão econômica e pelas transformações do ensino na Europa, as quais foram estendidas aos países ocidentais, cujas realidades não são equiparáveis. Tais ideologias se mantêm ativas até os dias atuais e têm suas revitalizações reafirmadas pelas propagandas de venda de cursos superiores. Elas, portanto, se desdobraram em uma supervalorização da educação formal. Segundo Xavier (1997, p. 294,) generalizou-se, assim, “uma concepção de que a democratização das condições de acesso ao ensino levaria à democratização do sucesso pelo investimento no capital humano” Desenvolveu-se, dessa forma, segundo Correia (1991, apud XAVIER, 1997, p. 294):

[...] uma ideologia meritocrática (existência de elites dirigentes pelo fato de serem elas constituídas pelos mais capazes, isto é, por aqueles que venceram na escola) e outra que acreditava na escola como instrumento de transformação social (pela mobilidade ascendente, uma vez que o acesso a ela garantiria o sucesso na vida).

Os traços ideológicos dessa leitura são gerados pelos detentores do poder político e financeiro, que fazem uso de um sistema muito bem estruturado para manter essa dominação. Já no advento da globalização, essa leitura se expande, aumentando a desigualdade social. Para Freire (1997, p. 144 apud ANDREOLA, 2008, p. 338):

O discurso da globalização astutamente oculta ou nela busca penumbrar a reedição intensificada ao máximo, mesmo que modificada, da medonha malvadez com que o capitalismo aparece na História. O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões. O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca [...].

Outra ideologia muito eficaz no controle social é a do consumismo. As ideias que são veiculadas milhares de vezes nos meios de comunicação, criam uma “falsa” necessidade de consumo associada à valorização de superioridade e poder.

São essas algumas das ideologias que mantêm as pessoas distraídas e alienadas ao real propósito de quem as propaga para nunca perder o poder econômico, político e social, tendo sempre os trabalhadores controlados, produzindo e consumindo. Considerando os estudos dos autores da Teoria Crítica da Escola Frankfurt, Severino (2006, p. 631) afirma que essa formação ideológica ou “[...] semicultura é o embotamento da cultura, a alienação, a padronização, o conformismo, situações em que se encontram os homens por renúncia, subserviência ou dominação”,

Assim, as ideologias possuem formas especiais de conduta social ou individual e se expressam pela linguagem nas formas concretas de atuar. É fundamental, dessa forma, pensar a linguagem compreendendo o mundo social onde se está inserido, para que, assim, a ideologia criada por seus significados possa ser depreendida. As ideologias têm o propósito de manter as pessoas submissas, trabalhando para alimentar o sistema, o qual é propriedade das grandes corporações, mais precisamente, das empresas de comunicação que são os veículos digitais para divulgar, significar e valorizar todos os produtos, inclusive as ideias, inserindo-as em qualquer parte do mundo.

## CAPÍTULO II

### A EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE: RESISTÊNCIA À INDÚSTRIA CULTURAL

Neste capítulo, retomaremos as considerações de Freire sobre a condução ideológica – que se dá através de mecanismos de alienação da sociedade – nos meios de comunicação como forma de manter o controle da “classe trabalhadora”. Assim, sob essa perspectiva, trataremos sobre as possíveis abordagens da prática educacional que versam sobre as vias de amenização dos efeitos da ideologia opressora veiculada diariamente nos meios de comunicação, sendo elas, a nosso ver, uma forma de resistência à indústria cultural na educação, a qual se fortalece e amplia seu alcance com os avanços tecnológicos e com a criação de novos recursos digitais.

#### **2.1. As mídias em diálogo com a pedagogia de Paulo Freire**

Ao retomarmos os estudos de Freire, pretendemos identificar vestígios de uma crítica sobre o processo de rompimento com a situação opressora. Em outras palavras, nós nos questionamos se e como a obra freireana aborda a ideologia fetichizada do dominador, bem como o conflito que libertaria os envolvidos. Em seus textos, Freire não trabalha o conceito de indústria cultural, entretanto, acreditamos que há pontos que convergem e dialogam com outros conceitos da teoria frankfurtiana.

Em sua teoria educacional, Freire (1987) discorre sobre as ideologias da classe dominante enquanto expressão do modo de ser do opressor; este, segundo o autor, é introjetado nas apostas fundamentais e na visão social de mundo de todos, sobretudo dos oprimidos<sup>5</sup>. Segundo o autor, os meios de comunicação têm o papel relevante nesse processo, ao oferecerem suas orientações socioculturais para os diferentes grupos e classes sociais, por vezes, simultaneamente, outras, separadamente, mas sempre de modo constante.

“Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (FREIRE, 1965, p. 35). Nesta citação, entendemos que o vazio são as alienações, a falta de compreensão

---

<sup>5</sup> Veja mais em COELHO, MALAFATTI, 2021.

de sua própria existência. Para ele, esse vazio precisa ser preenchido através da educação para nos constituirmos como humanos.

Freire (1965) enfatiza as características tendenciosas dos meios de comunicação para constituir uma sociedade alienada, subjugada e controlada. Suas obras discutem a respeito de questões do século passado, todavia, elas se mostram latentes atualmente. Hoje, temos essa questão ainda mais ampliada e expandida em função do avanço tecnológico e dos meios de comunicação, os quais alcançam as pessoas em segundos e em qualquer lugar do planeta. Em meio a esse avanço, temos a mídia como veículo de propagação dos discursos prescritos pela “elite” e mediada pela alienação.

No que tange à educação, a relação com a mídia precisa ser refletida constantemente, de modo a trilhar caminhos de resistência para formar uma sociedade mais inclusiva e justa.

Freire não trata especificamente dos meios de comunicação, nem mesmo na obra em que a mídia aparece em seu título “Educar com a Mídia” (2011); o tema não é o ponto central da análise. Ele analisa a questão sempre sob o ponto de vista da comunicação humana, ponto central de sua proposta pedagógica, como descrito na obra magna “Pedagogia do Oprimido” (1987). Isso, entretanto, não se caracteriza como um impeditivo para os estudos que associam a pedagogia de Freire com as questões dos meios de comunicação de massa, visto que o pedagogo aborda as temáticas da comunicação popular, da democratização a cultura, da relação da consciência crítica e a educação das massas. Esses são temas que Peruzzo (2017) denomina como a comunicação como diálogo.

Peruzzo (1997) classifica as aproximações da educação com a comunicação em quatro perspectivas: a relação de ensino-aprendizagem mediada pelos meios de comunicação; os meios de comunicação na sala de aula; a mídia como educadora, e o educar para a recepção crítica dos meios massivos (PERUZZO, 1999, p. 205). cremos que os dois últimos aspectos corroboram com nossas reflexões.

Ao pensar sobre o papel dos meios de comunicação de massa nos processos formativos, Freire os configura como “meios de comunicados às massas, através de cujas técnicas as massas são conduzidas e manipuladas, e, por isto mesmo, não se encontram comprometidas num processo educativo-libertador” (FREIRE, 2006, p. 72). Ao discorrer sobre os estudos do autor, Ribeiro (2013) destaca que ele associa a comunicação com comunicados, em outras palavras, o emissor se expressa e o receptor recebe em uma relação mais geral de opressão, a qual é denunciada na obra “Pedagogia do Oprimido”. Trata-se, assim, da denúncia de uma educação dominadora, de uma invasão cultural que ambiciona

apropriar-se do modelo de humanidade do oprimido. A relação com a indústria cultural, nesse caso, tem sua plena chave de leitura.

Em Freire (1967), a classe dominante, proprietária, aparece como a “elite” que controla os meios de comunicação a seu favor, alienando-se às necessidades do povo, tratando homens, mulheres e crianças como “coisas”. Do outro lado, está o povo que se aliena aos seus direitos e a sua condição de explorado, enquanto sonha em mudar de lado (FREIRE, 1967, p. 35). Nessas condições, a “possibilidade de diálogo se suprime ou diminui intensamente e o homem fica vencido e dominado sem sabê-lo, ainda que se possa crer livre” (FREIRE, 1967, p. 62).

Atualmente, os recursos comunicacionais digitais são cada vez mais avançados, acelerando a expansão de um dos problemas mais preocupantes na sociedade moderna: o domínio pelas ideologias de uma publicidade organizada, capaz de abstrair todo poder de decisão das pessoas. Para Freire (1967, p. 41), uma “das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir”.

A denúncia do papel da publicidade tem um caráter central na sociedade de consumo, do fetichismo das mercadorias (COELHO, 2021). Para explicar essa relação, Freire (1997) utiliza a palavra mito em seu sentido mais popular, o qual, a partir do Iluminismo, passa a ser compreendido como um elemento falso, uma crença sem fundamento evidente.

Freire (1997) considera muito clara a posição das “elites” em relação às classes populares. Segundo o autor, as elites esperam que as pessoas sirvam a seus interesses e sejam obedientes, cumprindo suas prescrições. “Do ponto de vista das elites, a questão se apresenta de modo claro: trata-se de acomodar as classes populares emergentes, domesticá-las em algum esquema de poder ao gosto das classes dominantes” (FREIRE, 1997, p. 15). Torna-se necessário mantê-las sob controle e manipuláveis, para que “sirvam aos interesses dominantes e não passem dos limites” (FREIRE, 1967, p. 17).

Desse modo, as classes populares, como oprimidas, passam a introjetar as expectativas e os horizontes de compreensão da vida e do mundo dos opressores (COELHO, 2018). Elas passam a ler o mundo na perspectiva deles. E sem a capacidade de reconhecer esse fato, de “captar criticamente”, “seguem as prescrições que lhe são impostas ou quase sempre maciamente doadas” (FREIRE, 1967, p. 45). Educar, na perspectiva tradicional, bancária, é prescrever conteúdo, depositando-os como que em um recipiente (receptor).

É possível termos uma reflexão, no sentido de que, a mídia e os meios de comunicação proporcionam uma formação econômica, política e sociocultural, desprovida de ética para atender às necessidades de poucas pessoas, as quais oprimem e manipulam o restante da “humanidade”.

A educação formal que recebemos nas escolas, muitas vezes, também é instrumento de manipulação e alienação. As aulas são ministradas de forma autoritária e os conteúdos pré-determinados para uma aprendizagem superficial e tecnológica; os educandos, por seu turno, apenas recebem as informações, arquivam-nas e reproduzem-nas.

O educador atua como emissor e o educando como um receptor, ocorrendo uma memorização mecânica dos conteúdos. Segundo Freire (1987, p. 33), no “lugar de comunicar-se o educador faz comunicados. Eis aí a concepção “bancária” da educação, onde a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los”.

Nesse sentido, faz-se necessária e urgente uma educação crítica, consciente, capaz de deter esse processo de alienação pelo qual a classe capitalista e dominante tem conseguido fazer com que as pessoas se tornem cada vez mais produtos de uma sociedade desprovida de humanidade.

As mídias são ferramentas fundamentais para concretizar todo esse esquema de subordinação do sistema capitalista. Elas são os principais veículos das propagações ideológicas capitalistas. Através delas, sem mesmo se dar conta, as sociedades caminham por “estradas” que levam a uma condição planetária de “desumanização” do humano.

Os recursos da mídia são capazes de prescrever as regras na sociedade, instalando, no oprimido, a consciência do opressor. Isso ocorre de forma alienada, o oprimido nem se dá conta que sua consciência está sendo formatada ao desejo do opressor. Quanto a isso, Freire (1998, p. 18) destaca:

Um dos elementos básicos na mediação opressores-oprimidos é a prescrição. Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra. Daí, o sentido alienador das prescrições que transformam a consciência recebedora no que vimos chamando de consciência “hospedeira” da consciência opressora. Por isto, o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito.

Atualmente, com a expansão digital, há uma tendência para conquistar mais adeptos das prescrições. Podemos talvez considerar que os recursos são outros, mas a proposta continua a mesma. Proporciona-se uma educação mais inclusiva àqueles alunos que podem

pagar por melhores instrumentos ou recursos. E, mais uma vez, questionamos: esses instrumentos e recursos estão a serviço de quem e para quem?

As ideologias funcionam mais eficazmente na medida em que os recursos midiáticos se tornam cada vez mais eficientes e, ao mesmo tempo, as pessoas ampliam sua confiança de modo quase incontestável nas informações das mídias, absorvendo-as. Para Freire (1997, p. 90), as pessoas estão vivendo excluídas “[...] da órbita das decisões, cada vez mais adstritas a pequenas minorias, é comandado pelos meios de publicidade, a tal ponto que, em nada confia ou acredita, se não ouviu no rádio, na televisão ou se não leu nos jornais”.

Esse posicionamento em relação aos conteúdos propagados pela mídia forma pessoas num processo antidualógico, tornando-os suscetíveis à lógica da programação em que aderem àquilo que lhes são impostos, sem contestar. Freire (1997, p. 48) destaca que parte da população é:

Por isso alienada. Objeto e não sujeito de si mesma. Sem povo. Antidualogal, dificultando a mobilidade social vertical ascendente. Sem vida urbana ou com precária vida urbana. Com alarmantes índices de analfabetismo, ainda hoje persistentes. Atrasada. Comandada por uma elite superposta a seu mundo, ao invés de com ele integrada.

As instituições educacionais, por sua vez, sofrem as consequências e reproduzem o estado alienado promovido pela crença incondicional nos conteúdos da mídia, os quais reverberam a programação conduzida pela propagação ideológica da “classe dominante”. A nosso ver, tais determinações e programações das mídias não deveriam estar presentes nas escolas, uma vez que dão continuidade a um processo antidualógico de imposição. Nesse âmbito, Freire e Guimarães (2011, p. 123) destacam que:

O que ocorre apenas é sofisticar, com a tecnologia moderna, o uso de um recurso autoritário clássico, travestido de novo, que é o de impor aos alunos uma linha de ação onde todos os passos já estão previamente programados, e onde todo o conhecer – *saber* que é supostamente definido – é cortado em fatias, e com relação à qual você espera apenas que o educando engula, assimile e responda, com critérios que você também estabelece, e a partir dos quais você vai julgar se aprova ou não.

Existe um efeito que “se dá quando você introduz um recurso novo no ambiente escolar, e já, pela programação, você atrela esse recurso a todos os conteúdos, todos os passos da aprendizagem, e permite um individualizado já todo programado” (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 123). Esta programação é também carregada de ideologias para

manter o controle da população e os meios de comunicação pertencentes à “elite”. Então, o educador precisa “[...] saber o que fazer para minimizar esse poder exacerbado nas mãos de um grupo antipopular, para aumentar a capacidade crítica das grandes massas populares” (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 33). As instituições educacionais devem ser espaços de resistência para formar uma sociedade realmente democrática.

## 2.2. Educação Consciente e Crítica para a liberdade

A prática educacional freireana vincula-se à liberdade, a qual é possível apenas sob a condição de o educando tornar-se sujeito do processo educativo através do diálogo. Nesse caso, educador e educando tornam-se construtores de saberes e desenvolvem-se juntos. Desse modo, viabiliza-se a construção de uma consciência crítica pela qual os envolvidos passam a sentir-se pertencentes e capazes de transformar a própria vida e de tudo que está a sua volta.

No processo educacional, é importante que os homens se reconheçam como criadores de cultura em uma relação social e interdependente, incorporados, integrados e responsáveis pelas transformações sociais a sua volta. Freire (1967, p. 43) ressalta que “a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a”.

A educação tem a finalidade de preparação para uma vida adulta permeada pela responsabilidade social. Desenvolvendo conhecimento e habilidades de existência e coexistência coletiva, de forma justa. Para tanto, Rodrigues (2001, *on line*) considera:

[R]econhecer que a ação educativa é um processo regular desenvolvido em todas as sociedades humanas, que tem por objetivos preparar os indivíduos em crescimento (crianças e adolescentes) para assumirem papéis sociais relacionados à vida coletiva, à reprodução das condições de existência (trabalho), ao comportamento justo na vida pública e ao uso adequado e responsável de conhecimentos e habilidades disponíveis no tempo e nos espaços onde a vida dos indivíduos se realiza. Ao redor desses aspectos se desdobra o conjunto das ações educativas a serem desempenhadas pelos sujeitos educadores, entre eles a escola.

Numa prática educativa para a formação de um sujeito social e político, o educador precisa usar sua competência técnica para a construção de uma relação harmoniosa,

respeitosa, criando um ambiente favorável à produção do conhecimento. Essa estrutura precisa proporcionar ao educando uma autonomia, para que ele se veja não apenas como um objeto do processo, mas sim como um agente no processo educativo, assumindo-se como sujeito cultural do seu próprio conhecimento.

Outro saber necessário a prática educativa é a que se fala do respeito à autonomia do educando. Do educando criança, jovem ou adulto. Como educador deve estar constantemente advertido com relação a esse respeito que implica igualmente o mesmo que deve ter por mim mesmo. (FREIRE, 1996, p. 24-25)

Tendo isso em vista, uma educação consciente e crítica não deveria acontecer isoladamente, individualmente. Ela precisa ser a união conjunta de pessoas em busca de superação e transformação da sociedade e do mundo. “Esta busca do *ser mais*, porém, não pode realizar-se ao isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos” (FREIRE, 1987, p. 43).

Nessa perspectiva, os educadores precisam se apropriar de ideias e práticas para a revolução da sociedade oprimida. Freire (1987, p. 43) considera “se esta educação somente pode ser realizada, em termos sistemáticos, pela sociedade que fez a revolução, isto não significa que a liderança revolucionária espere a chegada ao poder para aplicá-la”.

Pensando em um processo educacional orientado para uma formação ética, capaz de qualificar para um agir moralmente bem, na perspectiva da Teoria Crítica, defende-se uma educação que alcance uma formação cultural, a fim de romper com uma formação imposta pela “industrialização cultural”. Nesse caso, cabe aos processos educativos investir na transformação da razão instrumental em razão emancipatória. “Por sua vez, a educação pode viabilizar-se, garantindo-se sua fecundidade formativa, se se constituir como exercício da autorreflexão crítica. Trata-se, para a educação de produzir uma consciência verdadeira” (SEVERINO, 2006, p. 632).

Consoante, Adorno (1992) ressalta que, as medidas educativas não abarcam toda sua potencialidade no desenvolvimento da humanidade. Sob esse ponto de vista, para, conscientemente, fazer-se humano, é necessário se aplicar “[...] em âmbitos mais complexos o poder educativo do pensamento auto-reflexivo e da reeducação dos sentidos. Há que se construir o humano como realmente humano” (ZUIN; PUCCI; OLIVEIRA, 2008, p.156).

A consciência, dessa maneira, é possível a partir de uma educação fundada na ética, formando pessoas conscientes das “implicações ético-morais no seu existir, sendo capazes de

agir conscientemente sobre a realidade objetivada” (FREIRE, 2008, p. 29), em uma ação e reflexão sobre o mundo. Essa educação, portanto, promove a capacidade crítica dos homens e das mulheres, humanizando-os, como seres que criam, optam e decidem (AGOSTINI; SILVA; SILVEIRA, 2017, p. 212).

Para Freire (2008) é preciso desenvolver a relação educação e ética. Consoante esse pensamento, Almeida (2003, p. 110) afirma que “não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe, ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão [...]”.

Nesse sentido, a educação é fundamental como elemento transformador da sociedade, mas, para isso, é imprescindível desenvolver a autonomia do sujeito. Isso, conforme Freire (2014, p. 25), ocorre com o respeito mútuo entre os pares (educador e educando): “O respeito e à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Dessa forma, precisa-se capacitar para uma autonomia, criando uma emancipação através de uma consciência crítica para lutar contra o domínio exploratório do sistema capitalista:

A verdadeira emancipação humana e social só será possível a partir da crítica radical e ruptura efetiva com todas as estruturas sociais, econômicas, políticas, culturais, educacionais desumanizantes. Daí que, lutar contra a exploração, a opressão, a dominação e a alienação, isto é, contra o domínio do capital, têm como tarefa educacional a transformação social amplamente emancipadora. (SOUZA, 2011, 84-85)

Tendo em vista o que fora discutido até o presente momento, a nosso ver, para romper com a estrutura capitalista e opressora, bem como resistir à indústria cultural da educação, podemos utilizar muitos conceitos, teorias e práticas metodológicas sugeridas por Freire, as quais, desde a década de 1960, trazem uma elucidação muito pertinente para a prática educativa. Apesar de já estarmos em outro século, elas continuam sendo coerentes e necessárias para o atual sistema educacional brasileiro.

Para tanto, é primordial que os educadores estejam cientes da “[...]verdade, o que se está fazendo, em grande parte, com os meios de comunicação, é comunicado! Em lugar de haver comunicação real, o que está havendo é transferência de dados [...]” ideológicos para manter o controle das pessoas (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p.33).

Em Freire (1967), a aprendizagem é associada à situação real do momento e à metodologia sustentada por uma prática que proporciona a elucidação do mundo, em uma leitura consciente e crítica para formar “sujeitos” sociais. O autor é convicto da possibilidade

de transformação social pela ação de si mesmo (o próprio oprimido). Nesse sentido, a educação precisa ser encarada como um “esforço de libertação do homem e não como um instrumento a mais de sua dominação.” (FREIRE, 1967, p. 121).

A educação libertadora é, portanto, conquistada com uma aprendizagem de efeito conscientizador, constituído de conhecimentos, habilidades, capacitando o sujeito para uma leitura de mundo mais lúcida, crítica. Para isso, torna-se indispensável compreender as ideologias que se propagam nas mídias, bem como refletir sobre os conflitos do passado, optando pela mudança do amanhã, de modo que o homem deixe de estar alienado e se defenda das imposições do sistema capitalista. Nesse sentido, Freire (1967, p. 35) propõe que,

qualquer busca de resposta a estes desafios implicaria, necessariamente, numa opção. Opção por esse ontem, que significava uma sociedade sem povo, comandada por uma “elite” superposta a seu mundo, alienada, em que o homem simples, minimizado e sem consciência desta minimização, era mais “coisa” que homem mesmo, ou opção pelo Amanhã.

Um amanhã, que pode ser diferente, inédito-viável<sup>6</sup>, com uma formação social focada na transformação de um povo, orientada por uma educação problematizadora, que colabore na libertação do homem dessa condição reificada de “coisa”, objeto de trabalho, na manutenção de um sistema capitalista, em favor de uma pequena parcela de pessoas: a “elite”. Para Freire (1967, p. 36), a educação [...] “desvestida da roupagem alienada e alienante” é a força para libertar o “homem-objeto” e transformá-lo em “homem-sujeito”. Essa desalienação orientada por “[uma] pedagogia da liberdade pode ajudar uma política popular, pois a conscientização significa uma abertura à compreensão das estruturas sociais como modos da dominação” (FREIRE, 1967, p.15).

Nesse sentido, o professor é o recurso que pode mediar o aumento de nossa criticidade para nos defender da força alienante nos meios de comunicação, através de uma “prática educativo-democrática” (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 234). Desse modo, o autor destaca o papel fundamental do professor, como orientador na libertação social e política das sociedades:

O educador, a serviço da libertação do homem, dirigiu-se sempre às massas mais oprimidas, acreditou em sua liberdade, em seu poder de criação e de crítica. Os políticos só se interessavam por estas massas na medida em que elas pudessem, de alguma forma, tornar-se manipuláveis dentro do jogo eleitoral. (FREIRE, 1967, p. 26)

---

<sup>6</sup> Sobre o papel da utopia como inédito-viável em Paulo Freire, veja RODRIGUES, WANDERLEY e COELHO, 2019.

Assim, para Freire temos, na mídia, uma condução ideológica que se pauta em um processo antidialógico e produz uma alienação. Tal efeito alienante invade também as escolas e o sistema educacional, não só com as ideologias, mas com seus conteúdos programáticos.

Embora o cenário possa parecer irreversível, Freire (1967, 1996) tem a convicção de que é possível uma educação libertadora, mediada pela tomada de consciência, pela leitura crítica do mundo, mesmo reconhecendo a existência, nas escolas, de conteúdos ideológicos difundidos pelos meios de comunicação, os quais, na realidade, estabelecem elos estreitos com uma sociedade fetichizada, ponto central da dominação da qual precisamos nos libertar.

### CAPÍTULO III

## UM EXEMPLO DA INDÚSTRIA CULTURAL DIGITAL

### “NOVA ESCOLA”

No ano de 2020, encontramos muitos discursos sobre educação nos meios digitais. Nesses, identificamos a expressão “Novo Normal”, a qual tem sido amplamente difundida nos canais digitais. Essa nova expressão associa-se a um vislumbre pelos recursos tecnológicos como determinantes para o futuro da educação.

Iniciamos trazendo alguns textos selecionados em sites de notícias nos meios digitais para termos uma visão geral dos discursos para educação durante o período. As palavras-chave utilizadas no site de busca *Google* foram: “Novo Normal na Educação”. Tal busca nos guiou para canais diversos de grande abrangência como, por exemplo, Uol, R7, Insper, Nova Escola, entre outros. Foram selecionados os primeiros a se apresentarem na busca. Nesse momento, é importante dizer que os tomamos em nossas análises, mesmo que alguns sejam apenas artigos de opinião e não tenham a fundamentação científica necessária pelas normas acadêmicas.

A escolha dos artigos dessa maneira, foi justamente para ilustrar o que ocorre nos meios digitais quando uma pessoa, que não é da área acadêmica e desconhece os canais de busca por produções científicas, pesquisa por informações sobre educação. O que ela encontra nos meios digitais, correspondentes à educação são artigos de opinião, carregados de ideologias da “classe dominante”, já que os emissores são proprietários ou representantes de instituições privadas de ensino.

Em seguida, a investigação foi em um campo mais específico, direcionado ao trabalho docente: a plataforma virtual “Nova Escola”. A motivação para tal escolha deu-se pelo fato de que a “Nova Escola” está entre as primeiras ofertadas pelo site de buscas *Google*, no que tange aos conteúdos pedagógicos escolares e, conforme ela própria se denomina, é a marca mais reconhecida do Brasil por professores da educação básica.

Este capítulo trata-se, portanto, de um exercício de explicitação à reflexão daquilo que fora apresentado nos capítulos anteriores. Assim, buscando a compreensão do entrelaçamento dos temas: indústria cultural, ideologia, educação e formação, na atualidade, sendo mediadas pelas tecnologias digitais.

### 3.1. O “Novo Normal” da educação

A expressão “novo normal” é um conceito utilizado para denominar a adesão e, conseqüentemente, a adaptação às modificações de comportamentos e de hábitos necessárias para evitar a contaminação da Covid-19, uma doença que se alastrou pelo mundo a partir do final do ano de 2019.

Em nossas investigações constatamos que, curiosamente, a maior parte dos autores que passam a ser citados quando a temática é essa não pertencem à academia, ou à esfera científica, mas ao mundo empresarial. Ainda no início do ano 2021, quando realizamos esta dissertação, a expressão “novo normal” ainda era de uso entusiástico do setor empresarial, como um elemento da ideologia deste grupo social.

Para Schirato (2020, *on line*), professora do Insper, a terminologia “novo normal”, cada vez mais presente em debates relativos às diversas áreas, diz respeito à “busca do ser humano pela normalidade”.

Em entrevista para o Insper, Schirato (2020) responde às questões que conceituam o “novo normal”. Ela informa que, para explicar o conceito de normalidade, partiu do conceito de comum. Assim, segundo ela, quando é comum a mim e ao outro, cria-se uma identificação que leva a um padrão de normalidade. Esse padrão condicionado pela pandemia da Covid-19, conforme a professora, é seguido por todos a fim de garantir a sobrevivência, estabelecendo o “Novo Normal” como definição deste momento, o qual trouxe várias mudanças de comportamento e novos hábitos que afetaram as sociedades em todas as áreas, inclusive, a da educação.

O sistema educacional teve uma drástica alteração nos processos de ensino-aprendizagem durante a pandemia. Desde o início do ano letivo de 2020, mais especificamente, no mês de março, as aulas passaram a ser remotas, porém muitas escolas públicas não tinham as tecnologias digitais à disposição, nem docentes capacitados ou alunos com recursos tecnológicos para acompanhar as aulas.

Mesmo diante desse contexto deficitário, propagou-se e intensificou-se um discurso, no ano de 2020, sobre a valorização de tecnologias, do ensino remoto, do ensino híbrido, da EAD, dentre outros, para legitimar mudanças na estrutura educacional. Muitos canais digitais trazem esses enunciados de valorização das tecnologias como condicionantes do futuro da educação. Esses discursos fomentaram a indústria cultural no ano de 2020, durante a pandemia da Covid-19.

Para Martins (2020), os efeitos da pandemia acabaram com a separação e preconceito que existiam em torno da educação EAD, inclusive por parte dos professores e gestores. Ele acredita que o “novo normal”, no processo educacional, será a efetiva instauração dos recursos tecnológicos e digitais, os quais darão um novo significado ao ensino e à distância. Nesse artigo, Martins (2020, p. 245) apresenta a hipótese de que,

no paradigma educacional pós Covid19, a divisão entre educação à distância e educação presencial perderá o significado e que o novo "normal" será a educação mediada por recursos educacionais digitais. A categorização equivocada da educação a distância como Modalidade Educacional se tornará anacrônica no momento em que a aplicação das metodologias e das tecnologias educacionais disponíveis ressignificarem os conceitos de distância e de ensino.

Ainda no mesmo campo e/ou grupo social, Camargo (2020), da Revista Ensino Superior, discorre sobre o futuro das aulas virtuais no pós-pandemia. Para ele, a crise epidêmica e a consequente alteração nos processos educacionais, os quais tornaram, em pouco tempo, as aulas presenciais em virtuais, vêm quebrando uma resistência que existia em torno do uso das tecnologias e o EAD. Camargo (2020) recorre, para a sustentação de sua tese, às considerações de Celso Niskier, diretor presidente da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES). Para Niskier,

A crise veio agitar a percepção das transformações em curso. Só para citar um exemplo, a grande resistência em relação à utilização de tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, por vezes calcada em concepções, terá de ser revista. Iremos numa direção de processos mais flexíveis, modernos e com o aluno ainda mais no foco do processo, sempre permeado pela utilização de tecnologias. (CAMARGO, 2020, *on line*).

Outro exemplo do mesmo setor é Karla Dunder, do canal R7, que afirma que as tecnologias e plataformas, que eram motivo de desconfiança entre educadores, hoje, com seu uso imposto pela necessidade do momento, trazem a tendência para o ensino híbrido, que deverá permanecer no “novo normal”, pós-pandemia. Segundo ela, o ensino, com as aulas síncronas tem sido positivo e as avaliações digitais deixaram de serem vistas com tabu. Para sua defesa, ela traz as considerações de Cristovam Ferrara, diretor comercial de uma empresa que se chama Ânima Educação: “Nunca mais teremos um vestibular com uma multidão, as versões online devem permanecer até mesmo no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio)” (DUNDER, 2020, *on line*). Ela destaca ainda em seu artigo outros pontos elencados por

Ferrara, com os quais concorda e considera positivos como, por exemplo, as novas abordagens na educação:

[...] o ensino híbrido ganha força, os alunos acompanham as aulas síncronas (que acontecem em tempo real e há interação online entre professores e estudantes) e o resultado tem sido muito positivo, além das avaliações por meio digital, que antes eram vistas como um tabu foram revistas. O profissional que sabe buscar o conhecimento é muito mais valorizado (DUNDER, 2020, *on-line*).

Continuando e desconsiderando qualquer estudo sobre o ensino híbrido e o impacto das aulas síncronas, Dunder (2020) traz ainda a consideração de Miguel Thompson, diretor acadêmico da Fundação Santillana, grande conglomerado internacional de investimento em educação privada, para salientar as facilidades da comunicação com as plataformas *on-line* para o futuro da educação. Ao retomar Miguel Thompson, Dunder (2020, *on-line*) afirma que: “[...] o uso das plataformas que promovem reuniões online facilitará a comunicação entre escola e as famílias. O próprio *WhatsApp* tende a ser mais utilizado, mas acredita que é necessário um investimento maior para tornar as aulas remotas mais atrativas”.

Tendo tais declarações e defesas em vista, a nosso ver, os discursos desconsideram o papel da escola como elemento fundamental na formação do “sujeito”, reduzindo-a a um mero local de transmissão de conteúdo, facilmente substituível.

No canal do UOL, Garofalo (2020) traz as considerações de Lilian Bicich, professora e co-fundadora de uma empresa especializada em “formação de professores” para essas novas metodologias. Segundo Garofalo (2020), a professora Lilian ressalta a importância das metodologias ativas e o uso das tecnologias como ferramenta e solução para continuidade do ensino híbrido, no pós-pandemia:

O ensino híbrido propõe soluções para o período pós-pandemia, já que está inserido dentro das metodologias ativas, possibilitando compreender, diferentemente do ensino emergencial, dificuldades e facilidades para personalização do ensino e contribuir com o período, organizando as tecnologias digitais para reflexão sobre os conteúdos, procedimentos e valores. (GAROFALO, 2020, *online*)

Fica-nos evidente que os discursos dos professores sobre o que significou esse ensino mediado por mídias não foram considerados em tais asserções. Também, não está presente a visão de milhões de alunos, os quais tiveram suas vidas escolares interrompidas, bem como

suas aprendizagens prejudicadas pela falta de acesso às tecnologias, às orientações de seus professores, e, até mesmo, de seus pais.

Observa-se, portanto, que a construção da ideia de “novo normal” é uma imensa oportunidade para os setores empresariais de tecnologia e comunicação. A produção e venda de seus produtos tiveram uma alta rentabilidade durante o período. Para continuarmos verificando os enunciados para educação durante a pandemia, no ano de 2020, traremos nossas discussões sobre nosso objeto de análise: a plataforma “Nova Escola”.

### 3.2. Associação “Nova Escola”

A Revista Nova Escola foi uma publicação de grande presença nas escolas e na formação dos docentes brasileiros, estando presente em suas vidas durante mais de 30 anos. Atualmente, ela migrou para a versão digital em uma espécie de plataforma de conteúdo pedagógico pré-preparado. Sendo assim, traremos uma apresentação da Associação “Nova Escola”, a qual, segundo o próprio site,

[...] é uma organização de Educação e a marca mais reconhecida por professoras e professores de Educação Básica no Brasil. Desenvolvemos produtos, serviços e conteúdos que valorizam os professores, facilitam seu dia-a-dia e apoiam sua carreira. Nossa missão é fortalecer educadores para transformar a Educação pública brasileira e possibilitar que os alunos desenvolvam o máximo do seu potencial. (2020, *online*)

De acordo com a Associação Nova Escola (2020, *online*) sua “[...] missão é fortalecer o educador para transformar o Brasil. Para isso, desenvolvemos e distribuímos produtos e serviços de excelência que valorizam, facilitam o dia-a-dia e apoiam a carreira do educador”.

Conforme o site Educa Brasil (2001, *online*):

A revista Nova Escola<sup>7</sup> é a principal iniciativa da Fundação Victor Civita, editada desde março de 1986. Segundo a entidade, trata-se da segunda maior revista do país com uma tiragem média de 520.000 exemplares que atinge cerca de 1 milhão de professores. Seu objetivo é funcionar como canal de comunicação com o professor brasileiro de Educação Infantil e Ensino Fundamental. A revista é publicada em 10 edições anuais e além de

---

<sup>7</sup> Revista da Editora Abril/Fundação Victor Civita – Av. das Nações Unidas, 7221, 6º andar – 05425-902 – São Paulo – SP – telefone: 0800-112055 – E-mail: novaescola@abril.com.br

professores, tem como público diretores, orientadores educacionais e estudantes de pedagogia.

Desse modo, trata-se de um produto da indústria cultural, uma revista tradicional, com enorme número de assinantes. O objetivo é veicular conteúdos pedagógicos, mas também ampliar os lucros da empresa que a publicava. Para compreender a empresa, vale ressaltar que Victor Civita Neto é presidente da Associação desde 2013 e

[a]pós a morte de seu pai, Roberto Civita, [ele] assumiu como presidente da Fundação Victor Civita, tendo como missão dar continuidade às suas contribuições pela melhoria da qualidade da Educação brasileira. É formado em Ciências Políticas pela Columbia University em 1989. Em 1990, ingressou na Abril como Diretor de Programação e Produção na MTV, sendo responsável pela implantação da emissora no Brasil. Durante os anos de 1992 e 2002, foi também Diretor de Programação e Produção da TVA e Vice-Presidente da Unidade Jovem na Editora Abril. De 2005 a 2010, foi Vice-Presidente de Iniciativas Digitais do Grupo Abril. Entre os projetos realizados, destacam-se a série Música do Brasil e o lançamento de projetos de e-commerce para o Grupo Abril. Victor Civita Neto foi Presidente do Conselho Editorial da Editora Abril.

Voltando um pouco às origens, a revista foi fundada em 1968 durante a ditadura militar brasileira, pela Editora Abril, momento em que representou sua fase de glória como precursora das vendas em grandes tiragens semanais.

Embora consideremos muito relevante a informação sobre o contexto de emergência e consolidação da Revista Nova Escola, o que nos interessa é mostrar o modelo que se conforma no Brasil entre os jovens das classes menos favorecidas, como propõe Pereira (2005) ao citar Bourdieu e Passeron:

As iniciativas da Abril Cultural estão próximas daquilo que Bourdieu e Passeron chamaram de pedagogia racional, isto é, um programa para que os jovens das classes dominadas tenham uma educação semelhante à dos jovens das classes dominantes. As iniciativas de Abril Cultura no campo da cultura tinham como objetivo, dentre outras coisas, levar a cultura dominante para as casas dos dominados e/ou emergentes. (BOURDIEU, 1975 e 1999 cf. Pereira, 2005, p. 244)

Tal iniciativa estava alinhada ao propósito de “formar e cativar um público para conseguir grandes lucros” (PEREIRA, 2005, p. 244), o que, segundo o mesmo autor, é algo próprio da indústria cultural, que, nesse caso, foi crescendo e conquistando um público cada vez maior ao longo de mais de 30 anos. Enquanto impressa, a “Nova Escola” chegou a vender

120 mil exemplares mensais, portanto, já apresentava potencial para tornar-se uma plataforma digital.

Segundo a Nova Escola (2019, *on line*), para essa transformação, “[...] a Fundação Victor Civita transferiu as marcas Nova Escola e Gestão Escolar – irmã caçula dedicada a colaborar com o trabalho de diretores, coordenadores pedagógicos e orientadores pedagógicos – para a Associação Nova Escola”.

Ela foi adquirida pela Fundação Lemann, braço fundacional do grande conglomerado empresarial da família Lemann, que a transformou em uma plataforma digital. Em sua aba de parceria institucional, lemos que se trata de “[...] uma organização sem fins lucrativos, mantida pela Fundação Lemann”, além de reafirmar que é “[...] a marca mais reconhecida por professores da Educação Básica no Brasil” (NOVA ESCOLA, 2020, *online*).

A mudança para o formato digital proporcionou um grande aumento no número de usuários. Enquanto, na versão impressa, 120 mil exemplares mensais eram distribuídos, em seu novo formato, a plataforma digital passou a receber “[...] mais de 2,5 milhões de visitantes por mês” (NOVA ESCOLA, 2019, *on line*).

É nesse sentido que, na abordagem dos frankfurtianos, a propagação ideológica da “classe dominante” e a indústria cultural tornam-se cada vez mais abrangentes, sendo mediados pelos recursos tecnológicos cada vez mais rápidos na indústria da comunicação. Atualmente, no mundo digital, temos uma complexidade da operação das mídias, são recursos áudio-visuais e uma imensa variedade de conteúdo em um mesmo local, a qual promove a diversão e a distração. De acordo com Garcia (2020, p. 153):

A indústria cultural se aperfeiçoou e complexificou de tal maneira que as distinções entre diferentes campos da comunicação social passaram a se integrar em dois níveis. O primeiro é a união de empresas de diferentes campos atuando conjuntamente. O segundo é por meio de linguagens híbridas que reúnem não só tipos de mídias diferentes (vídeos, texto, fotos, áudios etc.) como também mesclam conteúdos com finalidades díspares, como a informação jornalística e o conteúdo de entretenimento.

O crescimento da marca Nova Escola, por seu turno, não para. Em 2017, já anunciavam mudanças, novas parcerias e mais produtos alinhados à BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para direcionar os educadores brasileiros dentro e fora da sala de aula no futuro digital:

Olhando para o futuro, as perspectivas são ainda mais animadoras. Uma recente parceria da Fundação Lemann com o *Google* permitirá a elaboração

de milhares de planos de aula, colaborando diretamente na implantação da Base Nacional Comum Curricular no país a partir de 2018. O projeto será realizado por NOVA ESCOLA e, até 2019, qualquer educador brasileiro terá acesso gratuito a 6.000 planos de aula multimídia, de todas as disciplinas, da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental. (NOVA ESCOLA, 2017, *on line*)

Acreditamos que a articulação de várias interfaces da mídia potencializa o impacto do conteúdo elaborado e distribuído. Em março de 2019, por exemplo, a Nova Escola, com suas previsões concretizadas, contabilizou mais um recorde de audiência em sua versão digital, o que permite pensar seu potencial de sugestão didático e pedagógico não somente na categoria docente, mas na sociedade em geral.

Ao todo, 3,3 milhões de pessoas leram notícias, consultaram a revista digital ou fizeram cursos online no mês passado [...]. Esse número é ainda mais expressivo quando comparado ao número de educadores no Brasil. Estima-se que existam 2,2 milhões de pessoas em sala de aula, em escolas públicas e privadas da Educação Básica, em todo o país. A audiência de março mostra que Nova Escola tem dialogado não apenas com professoras e professores, mas também com gestores escolares, técnicos de secretaria, políticos, famílias interessadas na educação dos filhos e cidadãos distantes da educação, mas interessados no tema. (NOVA ESCOLA, 2019, *on line*)

Diante do exposto, formulamos algumas questões que acreditamos interessar não só às finalidades deste capítulo, tais como: qual o interesse dessa fundação sem fins lucrativos com a “Nova Escola”? Qual o interesse da mesma pela educação? Por que a “Nova escola” se tornou a marca mais reconhecida por professores da Educação Básica no Brasil? Quem e qual ramo de negócio está por trás de tal fundação mantenedora?

Visando a responder tais questionamentos, na sequência, apresentaremos os resultados de análise das propostas da revista digital “Nova Escola”.

### **3.3. “Nova Escola” digital**

A estrutura da revista “Nova Escola”, na plataforma *on-line*, transformou-se. Os conteúdos digitais não são mais denominados de revista. Eles são armazenados em uma caixa de conteúdos, a “Nova Escola Box”, e sua produção e distribuição são semanais. Essa caixa é enviada para seus assinantes por *e-mail*, ou pode ser acessada no *site* com o *login* de

assinante. Esse *login* dá acesso ao conteúdo da semana e aos conteúdos das edições passadas (as revistas impressas até 2019). Na plataforma digital “Nova Escola”, não é tão simples realizar uma análise sistemática.

Entre as dificuldades, destacamos como principal: o acesso aos conteúdos. Apesar de anunciar a existência de conteúdos gratuitos, o acesso a esses é parcial. Quando conseguimos acessá-los, iniciamos a leitura do artigo e, passados alguns segundos, o mecanismo suspende o acesso e direciona o leitor à página de venda da assinatura do site, conforme mostra a imagem 1. Então, após verificarmos a falta de acesso aos conteúdos, realizamos a compra da assinatura no site e, assim, pudemos acessar e ler os artigos por completo:

**Imagem 1-** Página de venda da assinatura “Nova Escola”

PLANO MENSAL	PLANO SEMESTRAL	PLANO ANUAL	PLANO BIENAL
R\$19,90	6x R\$17,90	12x R\$15,90	12x R\$27,90
1 MÊS DE CONTEÚDO	6 MESES DE CONTEÚDO	12 MESES DE CONTEÚDO	24 MESES DE CONTEÚDO
Três caixas por semana, com conteúdos novos + acesso a todas as caixas anteriores	Três caixas por semana, com conteúdos novos + acesso a todas as caixas anteriores	Três caixas por semana, com conteúdos novos + acesso a todas as caixas anteriores	Três caixas por semana, com conteúdos novos + acesso a todas as caixas anteriores
ASSINE JÁ	ASSINE JÁ	ASSINE JÁ	ASSINE JÁ
	Total: R\$107,40	Total: R\$190,80	Total: R\$334,80

Em todos os planos você tem acesso semanalmente a ● TRÊS novas caixas de conteúdo digital (1 para Educação Infantil, 1 para Ensino Fundamental I e 1 para Ensino Fundamental II) ● Acervo revista digital Nova Escola ● Gestão Escolar ● BNCC na prática

Fonte: Plataforma digital: Nova Escola < <https://novaescola.org.br/>>

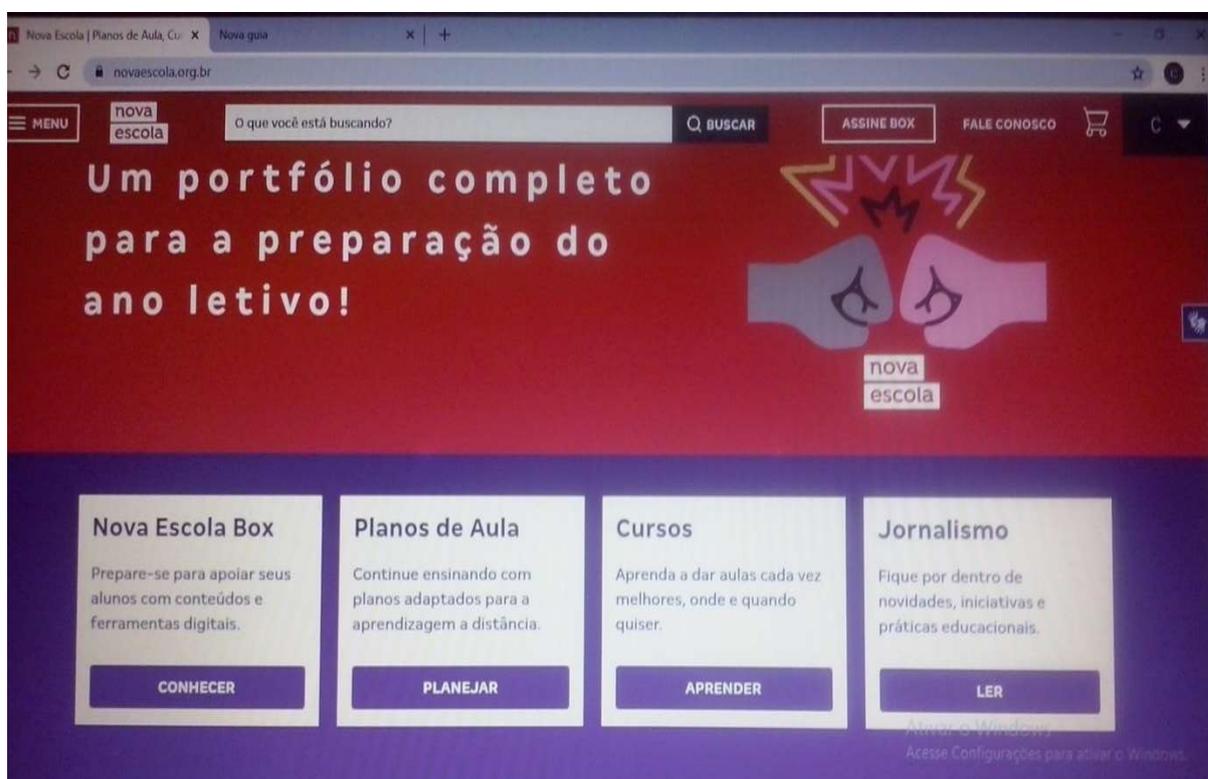
Continuando a pesquisa, nós nos deparamos com outra dificuldade: a forma de busca dentro da plataforma. Não existe uma ordem cronológica dos dados. As formas de busca são: dentro do pacote “BOX”, onde há uma divisão por setores (Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, BNCC e Gestão Escolar), os quais tratam do mesmo tema. Outra forma de busca é por disciplina ou então, palavras-chave. A ideia é não oferecer a mesma ordem e sugerir a atemporalidade de um conteúdo que pode ter sido elaborado há mais tempo, porém agora não permanece datado como a edição da revista impressa.

Por apresentar essas dificuldades de busca e localização, organizamos os dados dos artigos selecionados em uma tabela, onde constam o endereço individual de cada um deles, uma vez que a simples busca no mecanismo de localização não oferece ao pesquisador, necessariamente, os mesmos textos.

A forma para encontrá-los foi a pesquisa mediada por palavras-chave. Buscamos palavras relacionadas ao ano de 2020, como: “pandemia” e “Covid”. Em seguida, utilizamos as palavras que orientavam a pesquisa na busca de discursos de constituição de uma indústria cultural para legitimar as tecnologias como prioridades do futuro educacional. Para tanto, foram utilizadas as palavras: “EAD”, “Ensino Remoto” e “Ensino Híbrido”.

Para demonstrar a estrutura e como funciona, selecionamos algumas imagens das páginas da plataforma *on-line* “Nova Escola”. Abaixo, a imagem 2 mostra a primeira página do site. Ela traz o tema do mês, destacando a amplitude de seu conteúdo “um portfólio completo para preparação do ano letivo”. E, em seguida, a divulgação de seus principais produtos: Nova Escola Box, Planos de Aula, Cursos e Jornalismo.

**Imagem 2** – Primeira página do site Nova Escola



Fonte: Plataforma digital: Nova Escola < <https://novaescola.org.br/>>

Uma das ideologias que podemos destacar é a proposta de se fazer necessária para o trabalho docente, num discurso que descarta a necessidade do professor buscar qualquer

material fora da plataforma. Na página reproduzida na imagem 2, verificamos ainda que há um desenho de duas mãos se tocando, sugerindo a simbolização de união entre a Nova Escola e o professor. Em uma leitura mais popular: “Professor, estamos juntos!”.

A próxima imagem (3) encontra-se em uma aba intitulada Parceria Institucional. Nessa página, foi ressaltada a missão da Nova Escola e uma solicitação para a conquista novos parceiros. Nela destaca-se a missão de transformar a educação pública brasileira, fortalecendo o professor através de suas soluções e iniciativas. Percebemos, assim, que, no local onde é informada a missão da Nova Escola, o destaque é a educação pública brasileira. Um discurso que deixa clara a ideologia de separação de classes. Como destaca Chauí (2008, p.10), “[...] as empresas de divulgação cultural já selecionaram de antemão o que cada classe e grupo sociais pode e deve ouvir, ver ou ler”.

### Imagem 3 – Aba Parceria Institucional



Fonte: Plataforma digital: Nova Escola < <https://novaescola.org.br/>>

Ainda no que corresponde ao espaço de exposição da missão da Nova Escola, encontramos também, em algumas edições, discursos de valorização, os quais são endossados por depoimentos de professores e de suas histórias de sucesso na utilização dos materiais

publicados na plataforma. Em um dos depoimentos, uma professora declara sua a crença na preocupação da Nova Escola com a qualidade da formação e condição do trabalho docente.

Acompanho NOVA ESCOLA há algum tempo e uma das mudanças que mais me chamou atenção neste ano foi a nova interface do site. Notei uma preocupação maior com a saúde do professor, com as condições de trabalho, com a qualidade da formação inicial e continuada e em fazê-lo pertencente às políticas nacionais que se refletem diretamente no nosso trabalho. Acho imprescindível que o debate de políticas públicas educacionais possa estar no mesmo ambiente em que estamos pensando na prática em na sala de aula. DÉBORA GOMES, professora em Mata de São João (BA), Educadora Nota 10 (NOVA ESCOLA, 2019, *on line*).

Num outro depoimento de uma professora da Região Centro-Oeste, há a seguinte declaração: “Para mim, ler Nova Escola é contar com uma coordenadora pedagógica ao meu lado” (NOVA ESCOLA, 2019, *on line*).

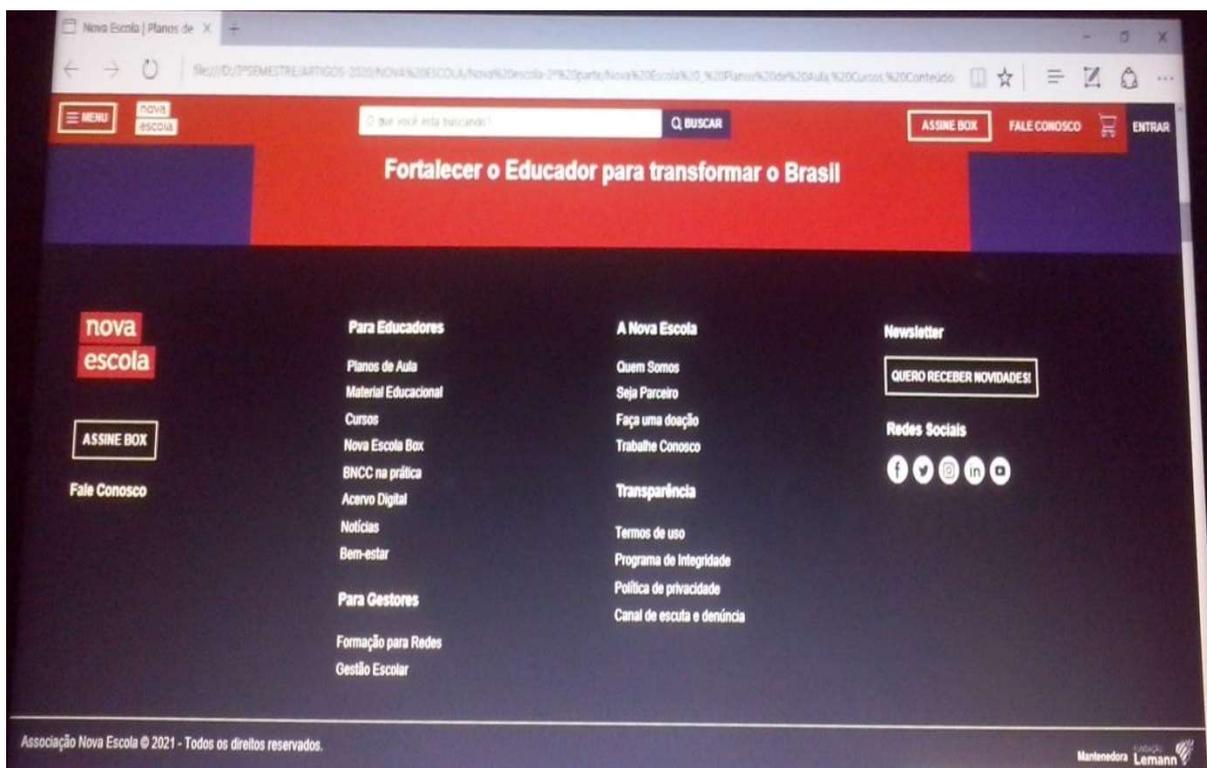
Selma Monteiro, professora de Jacareí e formadora de professores, diz: “Conservo como uma relíquia minha primeira Nova Escola, de novembro de 1989, mas tenho outras edições guardadas, já gastas de tão utilizadas. A revista foi meu alicerce como formadora de professores, busquei ali referências e aprendi a fazer a transposição da teoria para a prática” (NOVA ESCOLA, 2019, *on line*).

Os discursos são sempre de valorização, motivação da educação, dos docentes, mostrando um sistema educacional de sucesso. Todos os problemas ou divergências são ocultados, abstraídos do conhecimento do leitor. Tal observação nos leva à seguinte defesa de Adorno e Horkheimer (1985<sup>a</sup>, p.9): “[a] abstração, que é o instrumento do esclarecimento, comporta-se com seus objetos do mesmo modo que o destino, cujo conceito é por ele eliminado, ou seja, ela se comporta como um processo de liquidação”.

Assim, compreendemos que os artigos da Nova Escola procuram deixar o leitor longe dos problemas que existem na educação, longe do esclarecimento. Para Adorno e Horkheimer “[a] distância do sujeito com relação ao objeto, que é o pressuposto da abstração, está fundada na distância em relação à coisa [...]” (1985a, p. 9).

Seguindo, temos a imagem 4. Ela mostra a última página do site e, mais uma vez, destaca a valorização do educador no *menu* de opções, onde há o símbolo de sua mantenedora: Fundação Lemann. Um dos itens do *menu* que despertaram nossa curiosidade diz o seguinte: “Faça uma doação”; entretanto, não encontramos informação disponível para identificar a que ou quem se destinam essas doações.

**Imagem 4** – Última página do site



Fonte: Plataforma digital: Nova Escola < <https://novaescola.org.br/>>

Toda essa ideologia de valorização do professor e da educação, entretanto, não condiz com a realidade brasileira. Segundo a APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), o piso do magistério teve uma grande defasagem nos anos de 2009 até 2019 em relação ao Piso Salarial Profissional Nacional:

Nos últimos dez anos, o piso salarial dos professores do Estado de São Paulo sofreu grande desvalorização. Em 2009, o piso do PEB I era 37,8% maior que o Piso Salarial Profissional Nacional, hoje, está em 12,7% menor. O do PEB II, que em 2009 era de 59,5% maior, caiu para 1,1%. (APEOESP, 2019, *on line*).

A mesma situação de contrassenso dos enunciados da Nova Escola verificou-se com os professores do ensino médio. Conforme o Sindicato dos Professores do Distrito Federal:

A defasagem nas políticas de valorização dos profissionais da educação e a falta de compromisso dos poderes públicos, que descumprem as leis que já existem, colocam o Brasil na liderança do ranking de pior salário pago a professores do ensino médio no mundo. De acordo com pesquisa feita pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em 46 países, a média salarial brasileira é 13% inferior à média da América Latina (2020, *online*).

Devido ao baixo salário, vários professores no Brasil trabalham com uma carga horária elevada, muitas vezes, ministram aulas em dois ou três turnos diferentes. Uma condição que não viabiliza tempo para pesquisar, estudar e se aprofundar nas temáticas para preparar seu plano de aula e materiais necessários para sua prática.

Nessas condições de trabalho, em que há pouco tempo disponível, a “Nova Escola” torna-se muito atrativa com seus artigos resumidos e fragmentados, normalmente, com um máximo de três páginas. Um portfólio de 6.000 itens de planos de aula completos com a teoria, metodologia e didáticas resumidas em uma página; imagens temáticas e atividades para todas as disciplinas, de todos os anos do ensino básico.

Outro ponto que também não reflete a história de sucesso da Nova Escola é a qualidade da educação brasileira. Segundo o Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira), os alunos tiveram um baixo desempenho na prova internacional de avaliação do Pisa em 2018. Consoante os dados apresentados por essa instituição, 68,1% dos avaliados não possuem nem o nível básico:

Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no Brasil. O maior estudo sobre educação do mundo, o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), apontou que o Brasil tem baixa proficiência em leitura, matemática e ciências, se comparado com outros 78 países que participaram da avaliação. A edição 2018, divulgada mundialmente nesta terça-feira, 3 de dezembro, revela que 68,1% dos estudantes brasileiros, com 15 anos de idade, não possuem nível básico de matemática, o mínimo para o exercício pleno da cidadania. Em ciências, o número chega a 55% e, em leitura, 50%. Os índices estão estagnados desde 2009. (INEP, 2019, *on line*)

A constatação da falta de habilidade para a leitura corrobora ainda mais com a propagação da indústria cultural na educação e em outras áreas, já que ela dificulta a absorção dos conhecimentos necessários para formar uma consciência crítica. Com isso, tem-se um ambiente propício para a produção e a instalação de ideologias voltadas para o consumo de qualquer produto que o mercado imponha, incluindo, a produção cultural.

Concluimos, dessa maneira, que toda valoração da educação e do professor pela plataforma Nova Escola é uma criação ilusória para entreter, distrair e condicionar ao consumo, enquanto os problemas e a real situação da educação ficam acobertados pelos enredos de sucesso, parceria e inclusão. Esse cenário onde as pessoas se vislumbram e sonham com o sucesso representado pelo consumo, torna-se, portanto, propício para aumentar as vendas e ampliar o alcance das ideologias da “classe dominante”.

### 3.4. Uma análise da Indústria Cultural Digital “Nova Escola”

A Nova Escola tem uma grande variedade de conteúdos com relação ao período que abrange a pandemia da Covid-19 (2020). São notícias, entrevistas, planos de aulas, comentários, instruções, métodos, cursos, treinamentos, entrevistas, reportagens, entre outros.

Desses, selecionamos os materiais que tratavam da Covid-19 e de suas considerações para a educação durante esse período, e, dentre eles, aqueles que traziam enunciados sobre as adequações mediadas pelas tecnologias digitais.

Como destacado anteriormente, a falta de uma ferramenta de busca cronológica na plataforma impossibilitou a precisão do número de artigos publicados no ano de 2020. Contudo, pelo fato de produzirem e distribuírem semanalmente a “Nova Escola Box”, conjecturamos que seja um número, aproximadamente, entre 40 a 50 edições.

Dessa forma, como já havíamos citado, a pesquisa se deu por palavras-chave. Quando inseridas para as buscas, apareceram diversos artigos de todos os períodos da revista. Então, acessando cada um deles, selecionamos quais eram do interesse desta pesquisa: as publicações relativas ao ano de 2020, as quais continham os discursos de valorização das tecnologias para o futuro da educação brasileira.

Mesmo com esses procedimentos de seleção dos dados, encontramos dificuldades de localização dos artigos na plataforma em decorrência da grande quantidade de páginas, de *links* e de conteúdo. Decidimos assim, organizar os dados encontrados em uma tabela. Nela, disponibilizamos os artigos que atendiam a nossos objetivos, juntamente com a data de publicação e o endereço de acesso. No total, 21 artigos foram selecionados.

Para facilitar as análises na tabela, foram inseridos em ordem cronológica, apenas os recortes das citações dos artigos que ilustram a pesquisa, em outras palavras, aqueles que se referem ao uso das tecnologias na educação e abordam as temáticas de: EAD, Ensino Remoto, Ensino Híbrido, plataformas *on line*, redes sociais, entre outros.

Os recortes selecionados oportunizaram a identificação de elementos que nos levaram a estabelecer uma analogia com os conceitos de “classes dominantes” e “indústria cultural” na educação. Os discursos depreendidos legitimam o uso das tecnologias no sistema educacional.

Na sequência, exporemos a tabela com os recortes, mais precisamente, os trechos retirados dos 21 artigos selecionados:

**Quadro 1 - Citações de artigos: Nova Escola (2020)**

<b>Nova Escola 2020</b>	
<b>Data Endereço</b>	<b>Recorte de Citações</b>
16/03/2020 <a href="https://novaescola.org.br/conteudo/18969/coronavirus-veja-quais-redes-de-ensinosuspenderam-suas-aulas">https://novaescola.org.br/conteudo/18969/coronavirus-veja-quais-redes-de-ensinosuspenderam-suas-aulas</a>	"[O]utras formas de manter parcialmente o funcionamento das redes de ensino, como na hipótese de substituição das aulas presenciais pela modalidade à distância”.
02/04/2020 <a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19006/da-sala-de-aula-para-a-internet-como-apandemia-do-coronavirus-esta-impactando-as-escolas-publicas">https://novaescola.org.br/conteudo/19006/da-sala-de-aula-para-a-internet-como-apandemia-do-coronavirus-esta-impactando-as-escolas-publicas</a>	“[M]uita gente já se organizou para não deixar a peteca cair e está em contato com familiares e alunos usando ferramentas eletrônicas, como redes sociais e aplicativos de mensagens, e enviando atividades pela internet. A mudança de rotina apresenta uma série de novos desafios para os educadores. Um deles é virar a chave do mundo da sala de aula presencial para o universo digital”.
16/04/2020 <a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19049/a-prioridade-sao-aulas-presenciais-mas-nao-sabemos-quanto-durara-a-suspensao">https://novaescola.org.br/conteudo/19049/a-prioridade-sao-aulas-presenciais-mas-nao-sabemos-quanto-durara-a-suspensao</a>	“[O] Centro de Mídias paulista está disponível para professores e alunos se familiarizarem com a plataforma. Além de firmar parcerias para a produção e transmissão de conteúdos com a iniciativa privada e outros estados [...] e [...] tem oferecido formação em educação à distância para professores que desejem contribuir com a grade de programação de aulas remotas, que estarão disponíveis na TV Educação (ligada à TV Cultura) e no aplicativo criado pela secretaria”.
23/04/2020 <a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19067/5-dicas-para-planejar-a-distancia-na-escolapublica">https://novaescola.org.br/conteudo/19067/5-dicas-para-planejar-a-distancia-na-escolapublica</a>	“São muitas as plataformas na era digital para compartilhar conteúdos, instruções de estudo, tarefas e interagir com seus alunos e seus familiares. Na escola da Mara, por exemplo, foi estabelecido que usariam o Whatsapp e o Facebook para envio de atividades e feedback de tarefas. É importante considerar qual é a melhor alternativa diante dos recursos disponíveis pelos estudantes e seus familiares, como o acesso à internet por exemplo”.
15/05/2020 <a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19130/o-professor-em-tempos-de-youtube-7-dicas-para-usar-o-video-no-ensino-a-distancia">https://novaescola.org.br/conteudo/19130/o-professor-em-tempos-de-youtube-7-dicas-para-usar-o-video-no-ensino-a-distancia</a>	“Slides, blogs e livros digitais têm seu valor enquanto solução para educação digital, mas uma videoaula enviada ou transmitida enriquece muito a experiência de aprendizagem dos alunos. NOVA ESCOLA já deu várias dicas sobre criação de vídeos educacionais, como editar e criar aulas no Youtube e como os vídeos podem auxiliá-lo em suas aulas”.

<p>27/05/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19177/afastados-das-criancas-as-sempreaprendendo-5-reflexoes-em-tempos-de-quarentena">https://novaescola.org.br/conteudo/19177/afastados-das-criancas-as-sempreaprendendo-5-reflexoes-em-tempos-de-quarentena</a></p>	<p>“Nem mesmo distante das crianças deixo de aprender. A cada livro lido, a cada troca de ideias, a cada live assistida pelas redes sociais, encontramos oportunidades de rever nossas aprendizagens! Ser professor é realmente ser um eterno aprendiz e encontrar novas formas de reinventar ou de dar valor ao que já foi aprendido”.</p>
<p>02/06/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19303/como-sera-o-retorno-as-escolas-apos-apandemia-da-covid-19">https://novaescola.org.br/conteudo/19303/como-sera-o-retorno-as-escolas-apos-apandemia-da-covid-19</a></p>	<p>“Daí a disponibilização de atividades não presenciais, mediadas ou não por tecnologias digitais da informação e comunicação (plataformas online, vídeo aulas, redes sociais, blogs, televisão, rádio, material impresso com orientação pedagógica aos alunos e seus pais ou responsáveis)”.</p>
<p>10/06/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19337/como-fazer-uma-boa-gestao-do-tempo-durante-aquarentena">https://novaescola.org.br/conteudo/19337/como-fazer-uma-boa-gestao-do-tempo-durante-aquarentena</a></p>	<p>“Faça combinados nos grupos do Whatsapp. Depois de definir seu horário de trabalho é importante compartilhar ele com os pais e responsáveis. “Já tinha os grupos antes da pandemia, mas mantivemos os combinados, que foram feitos de forma coletiva. Nada foi imposto”.</p>
<p>22/06/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19363/leitura-e-escrita-12-planos-de-aula-para-trabalhar-alfabeto">https://novaescola.org.br/conteudo/19363/leitura-e-escrita-12-planos-de-aula-para-trabalhar-alfabeto</a></p>	<p>“Abaixo, separamos uma lista com planos de aulas alinhados à Base Nacional Curricular Comum (BNCC) que podem ajudar a trabalhar o alfabeto com os alunos [...] São todos [...] materiais contam com recomendações para adaptação a o ensino emergencial à distância”.</p>
<p>01/07/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19386/qual-e-a-situacao-dos-professores-brasileiros-durante-apandemia">https://novaescola.org.br/conteudo/19386/qual-e-a-situacao-dos-professores-brasileiros-durante-apandemia</a></p>	<p>“[A] pesar das dificuldades encontradas diariamente pelos docentes, é preciso olhar a experiência com generosidade. O Brasil nunca tinha feito ensino remoto em massa para Educação Básica. Estamos aprendendo a fazer dentro de uma necessidade”.</p>
<p>06/07/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19464/comunicacao-escolar-as-melhores-ferramentas-e-estrategias-para-se-comunicar-bem-com-alunos-e-familias">https://novaescola.org.br/conteudo/19464/comunicacao-escolar-as-melhores-ferramentas-e-estrategias-para-se-comunicar-bem-com-alunos-e-familias</a></p>	<p>“De acordo com uma pesquisa realizada com os usuários do site de NOVA ESCOLA, a plataforma mais utilizada para se comunicar com a família neste momento de isolamento social é o WhatsApp (65,3%), seguido pelo Facebook (36,4%) e pelo portal de Educação do estado ou município (35,9%). Ao discutir sobre as estratégias criativas para dar continuidade ao ensino de forma remota, todos os professores consultados por NOVA ESCOLA ressaltaram a importância do WhatsApp”.</p>
<p>13/07/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19492/ensino-remoto-como-potencializar-suas-aulas-com-ogoogle-forms">https://novaescola.org.br/conteudo/19492/ensino-remoto-como-potencializar-suas-aulas-com-ogoogle-forms</a></p>	<p>“As ferramentas do Google apresentam muitas possibilidades de trabalho, e fazendo bom uso delas o professor pode exercitar inúmeras habilidades e competências”, afirma Renata Capovilla, formadora de professores e capacitadora do Google For Education. Dentre as ferramentas, o Google Forms é uma das mais utilizadas por se adequar a diferentes usos e projetos”.</p>

<p>14/07/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19480/producao-de-texto-10-planos-de-aulas-para-trabalharcontos-cartas-e-rimas-no-ensino-remoto">https://novaescola.org.br/conteudo/19480/producao-de-texto-10-planos-de-aulas-para-trabalharcontos-cartas-e-rimas-no-ensino-remoto</a></p>	<p>“Agora, no contexto do ensino remoto, isso é ampliado. O docente pode lançar mão dos recursos tecnológicos atuais, como Instagram ou WhatsApp, para estimular os alunos a explorarem as possibilidades dos diversos gêneros textuais”</p>
<p>07/08/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19620/e-book-guia-de-saude-mental-para-oseducadores">https://novaescola.org.br/conteudo/19620/e-book-guia-de-saude-mental-para-oseducadores</a></p>	<p>“Para colaborar, reunimos em um e-book 10 sugestões para amenizar as preocupações e melhorar a saúde mental. O material foi preparado com base nas indicações das especialistas entrevistadas e também da psicóloga Viviane Neves Legnani, professora da graduação e da pós-graduação [...] e [...] consultora deste especial sobre saúde mental”.</p>
<p>20/08/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19658/professores-e-importante-noscuidarmos-e-termos-esperanca">https://novaescola.org.br/conteudo/19658/professores-e-importante-noscuidarmos-e-termos-esperanca</a></p>	<p>“Hoje produzimos vídeos, preparamos e assistimos lives, conversamos com as famílias e crianças pelo WhatsApp, Facebook, Instagram, Youtube, produzimos e pesquisamos materiais para as crianças [...]”.</p>
<p>09/09/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19715/ensino-hibrido-quais-sao-os-modelospossiveis">https://novaescola.org.br/conteudo/19715/ensino-hibrido-quais-sao-os-modelospossiveis</a></p>	<p>“Com o apoio da tecnologia, o professor também consegue visualizar, coletar e analisar dados sobre as aprendizagens dos alunos de forma mais simples e precisa. Com isso, fica mais fácil fazer as implementações e as modificações rumo à personalização do ensino, que é um dos objetivos também do ensino híbrido”.</p>
<p>07/10/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19799/ensino-remoto-como-aproveitar-asferramentas-google-e-outros-recursos-digitais">https://novaescola.org.br/conteudo/19799/ensino-remoto-como-aproveitar-asferramentas-google-e-outros-recursos-digitais</a></p>	<p>“[...] NOVA ESCOLA preparou cursos gratuitos para te apoiar nos desafios de preparar atividades utilizando recursos digitais. Já explicamos como usar o Google Classroom para criar sua sala de aula online, como tirar proveito das ferramentas Google para criar slides e formulários e como utilizar o Google Drive para auxiliar na suas aulas”.</p>
<p>20/10/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19827/manual-das-ferramentas-digitais-103-dicas-para-planejar-e-inovar-no-ensino-remoto-ou-hibrido">https://novaescola.org.br/conteudo/19827/manual-das-ferramentas-digitais-103-dicas-para-planejar-e-inovar-no-ensino-remoto-ou-hibrido</a></p>	<p>“Manual das ferramentas digitais: 103 dicas para preparar aulas e atividades para o ensino remoto ou híbrido”. Em formato de e-book digital (faça o download do PDF clicando no botão abaixo), este material reúne dicas de recursos para dominar as ferramentas digitais no seu planejamento de atividades”.</p>
<p>30/10/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19882/ensino-remoto-hibrido-ou-presencial-4-ebooks-gratuitos-da-nova-escola-para-baixar">https://novaescola.org.br/conteudo/19882/ensino-remoto-hibrido-ou-presencial-4-ebooks-gratuitos-da-nova-escola-para-baixar</a></p>	<p>“A retomada das aulas presenciais trará novo desafios aos educadores. Novas demandas e dinâmicas serão criadas nas escolas. Entre os assuntos que devem ser incluídos no planejamento estão as ações de acolhimento e olhar para a saúde emocional dos alunos e professores [...] Também [...] deve permanecer na rotina é o trabalho com ferramentas digitais [...]”.</p>

<p>24/11/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19943/como-fica-a-bncc-no-planejamento-de-2021">https://novaescola.org.br/conteudo/19943/como-fica-a-bncc-no-planejamento-de-2021</a></p>	<p>“Para quem trabalha com Educação, 2020 seria o ano da chegada oficial da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) à escola. Apesar de ofuscada pela pandemia do novo coronavírus, o documento que guia as aprendizagens essenciais ano a ano da Educação Básica teve o papel de apoiar o planejamento das redes no ensino remoto”.</p>
<p>30/11/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/19974/modelos-de-aprendizagem-para-driblar-a-defasagem-em-2021">https://novaescola.org.br/conteudo/19974/modelos-de-aprendizagem-para-driblar-a-defasagem-em-2021</a></p>	<p>“Manter contato digital (ou offline) com a família. Depois de fortalecer a relação com os pais e responsáveis do aluno, manter o contato na rotina é essencial para garantir um ano letivo produtivo. Seja por meio digital ou por outras comunicações, Lino de Macedo sugere que professores e gestores continuem interagindo com os estudantes e suas famílias através do melhor recurso que cada aluno tenha [...]”.</p>
<p>29/12/2020</p> <p><a href="https://novaescola.org.br/conteudo/20033/retrospectiva-2020-o-ano-que-transformou-a-educacao">https://novaescola.org.br/conteudo/20033/retrospectiva-2020-o-ano-que-transformou-a-educacao</a></p>	<p>“A aula sobre o tema foi dada ao vivo pelo Google Meet - plataforma que ela estava usando pela primeira vez. E, se a educadora tinha dúvidas em relação ao sucesso da atividade síncrona, a recepção dos alunos que acessaram não poderia ter sido melhor”.</p>

**Fonte:** acervo da autora

A partir das informações contidas no quadro, é possível observarmos outro aspecto da indústria cultural na educação nas prescrições do capitalismo. Os conteúdos trazem uma ideologia que dá impressão de todos serem colaboradores unidos pela educação. Os enunciados em prol das tecnologias dão a impressão, de que todos esses produtos estão disponíveis à todos docentes e estudantes, como se não houvesse nenhum custo e essas empresas não vendessem esses produtos.

Além disso, não identificamos em nenhum artigo qualquer palavra de referência financeira à organização, como se não fossem empresas privadas, que enriquecem com a venda de seus produtos. Todas as palavras que encontramos para se referir às relações entre Nova Escola e outras empresas são: “Parceria” com o MEC; “associação” da Nova Escola e Gestão Escolar; “transferência” das marcas para “mantenedora” Fundação Lemann, “apoiadores” como o Itaú, “parcerias” com o *Google*, entre outras. A seguir, a imagem 5 demonstra os parceiros da Associação Nova Escola em uma das páginas da Plataforma Nova Escola:

**Imagem 5** – Empresas parceiras da Nova Escola



Fonte: Plataforma digital: Nova Escola < <https://novaescola.org.br/>>

A Fundação Lemann pertence a uma das famílias mais ricas do mundo. Segundo o Correio Brasiliense, Paulo Jorge Lemann está em segundo lugar no ranking dos brasileiros bilionários durante a pandemia, com um patrimônio de R\$ 92 bilhões (CORREIO BRASILIENSE, 2020, *on line*).

Entre os parceiros da Nova Escola, temos ainda alguns bancos como o Itaú, o qual esteve, no ano de 2019, em primeiro lugar no ranking brasileiro com o maior ativo total do país (WIKIPEDIA, 2019, *on line*). Continuando a lista de parcerias, temos poderosas empresas nacionais de setores diversos e, também, as estrangeiras. Grandes empresas da comunicação e de tecnologias da comunicação, as quais teriam interesse direto na produção e compartilhamento de produtos: a Fundação Roberto Marinho, proprietária da gigante da comunicação brasileira Rede Globo; o *Google*, dominante da comunicação digital, que desenvolveu milhares de produtos para Nova Escola no *Facebook* (com 1,2 milhões de

seguidores), no *YouTube* (o canal Nova Escola tem 209 mil inscritos, com 1.325 vídeos, que chegam a 700 mil visualizações); mais a Telefônica, a Vivo e a Futura.

A abrangência da indústria cultural da educação instaurada pela Nova Escola está muito além dos seus mais de 3,3 milhões de pessoas que acessam sua plataforma. Ela é parceira do site de informação do governo do Reino Unido, o GOV.UK, sem contar com os bancos, as instituições mais ricas de todos os setores. Torna-se, portanto, praticamente impossível negar os interesses financeiros por traz de uma educação de baixa qualidade, tendo em vista esse círculo de ricas instituições em prol de um único sistema: o capitalista.

Para Adorno e Horkheimer (1985a, p. 6):

Na realidade, é por causa desse círculo de manipulações e necessidades derivadas que a unidade do sistema torna-se cada vez mais impermeável. O que não se diz é que o ambiente em que técnica adquire tanto poder sobre a sociedade encarna o próprio poder dos economicamente mais fortes sobre a mesma sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena.

Embora o contexto nos apresente grandes obstáculos, a nosso ver, existem meios de resistirmos a essa imposição ideológica que forma uma sociedade “desumana” e que colabora para o aumento da desigualdade social. Concordamos com o fato de que o uso das tecnologias digitais tem sido muito útil durante esse período de pandemia. Entretanto, precisamos nos atentar e verificar que todo esse discurso de valorização para o uso de tecnologias na educação implica, também, muitos aspectos negativos para a sociedade. Não podemos nos render ao discurso fatalista: é assim, é a globalização. Para Freire (1996, p.7) há a “necessidade de assumirmos uma prática vigilante [...]” ter uma “leitura crítica das verdadeiras causas da degradação humana e da razão de ser do discurso fatalista da globalização”.

Nem todos os discursos sobre as tecnologias ou sobre o “Novo Normal” são favoráveis à educação. Há declarações em outros meios de comunicação, por exemplo, que nos alertam sobre as implicações e as possíveis adversidades no futuro da educação, uma vez que os problemas no sistema educacional brasileiro se intensificaram durante a pandemia.

Na Revista Exame, Luciana Allan, diretora técnica do Instituto Crescer, ressalta os desafios da educação no pós-pandemia. Segundo ela, o retorno das aulas presenciais contará com mudanças significativas, visto que professores e alunos precisaram aprender, rapidamente, a trabalhar com os ferramentais digitais, e os últimos tiveram de aumentar a autonomia nos estudos. Além disso, a imensa quantidade de alunos não teve nenhum acesso digital. Observa-se, também que não há

discussões sobre a autonomia, se ela é positiva em qualquer momento da aprendizagem, ou se poderia ser entendida como um processo no qual quem tem mais dificuldades terá apoio da equipe pedagógica. Outro aspecto destacado foi a necessidade de pensar em conteúdos e metodologias que sejam mais atraentes para os alunos. Para L. Allan (2020, *on-line*):

O principal legado que a pandemia irá deixar na educação não está tão somente na aceleração do uso de tecnologias e na pressão sobre os professores para aprenderem da noite para o dia como preparar suas aulas de forma remota. O desafio que poderá gerar efetivamente uma transformação profunda está em criar uma nova educação que considere claro, o uso de novas ferramentas tecnológicas e metodologias de ensino, mas também uma revisão sobre o que devemos ensinar para nossos alunos que realmente os cativa e os prepare para um mundo a cada dia mais repleto de incertezas.

Na pesquisa realizada por L. Allan, em julho de 2020, participaram 1.367 profissionais de educação de instituições públicas e privadas, em diferentes regiões do Brasil. Entre eles, estão professores, coordenadores e gestores, que responderam sobre o “novo normal” em educação. Na pesquisa, ela indica a complexidade no futuro da educação pelo ponto de vista dos profissionais da linha de frente. Para autora, o uso de tecnologias e o EAD dividem opiniões. Muitos profissionais acreditam na continuidade do uso das tecnologias digitais, porém somente parte dos profissionais do Ensino Superior (19%) se sente preparada para trabalhar com os sistemas digitais, conforme ilustra a imagem 6:

**Imagem 6 :** Ilustração da Pesquisa da Professora Luciana Allan (Instituto Crescer)



Fonte: <https://www.slideshare.net/institutocrescer/pesquisa-sobre-volta-as-aulas-pspandemia>

O “novo normal” é um momento de repensar as relações, o papel das escolas, o papel de cada indivíduo, a crise no conhecimento com a negação científica, a falta de interesse dos alunos (mesmo com as tecnologias), a falta de tecnologias para alunos da escola pública. Isso tudo agrava ainda mais o sistema educacional, obstrui o conhecimento e aumenta a desigualdade social. Precisamos, com urgência, refletir sobre nosso papel na sociedade, assumindo a responsabilidade de cobrar o Estado, para que cumpra suas funções para vivermos em real democracia e não uma democracia,

[...] que aprofunda as desigualdades, puramente convencional, que fortifica o poder dos poderosos, que assiste de braços cruzados à aviltção e ao destrato dos humildes e que acalenta a impunidade. Não uma democracia cujo sonho de Estado, dito liberal, é o Estado que maximiza a liberdade dos fortes para acumular capital em face da pobreza e às vezes da miséria das maiorias, mas de uma democracia de que o Estado, recusando posições silenciosas ou autoritárias e respeitando realmente a liberdade dos cidadãos, não abdica de seu papel regula-dor das relações sociais. Intervém, portanto, democraticamente, enquanto responsável pelo desenvolvimento da solidariedade social. (FREIRE, 2000, p.80 )

Neste período epidêmico, os desafios para educação somente aumentaram. Muitos alunos não têm acesso às aulas remotas devido à situação educacional e socioeconômica precárias, visto que não são ofertadas condições financeiras para adquirir equipamentos, ou uma internet de qualidade. O estado não proporciona assistência tecnológica. Ademais, muitos pais e responsáveis não podem auxiliar os filhos por falta de habilidade com os recursos tecnológicos necessários para o estudo mediado pelas mídias. Várias escolas públicas e mesmo particulares não têm condições de manter uma rede de internet com conexão de qualidade para todos os professores ao mesmo tempo. Outras têm equipamentos sofisticados, mas não estão instalados à espera de apoio técnico.

Morais (2020, *on line*) destaca as considerações da coordenadora do Fórum Estadual Permanente de Educação de Minas Gerais (Fepemg), Analise de Jesus da Silva, que declara: “apenas 186 dos 853 municípios mineiros têm acesso ao sinal da emissora de TV da Rede Minas, pela qual as aulas do ensino estadual estão sendo transmitidas, não alcançando 750 mil dos 1,7 milhão de alunos da rede estadual”. Em outros termos, milhares de alunos simplesmente não acessaram nenhuma atividade *on-line*, nem mesmo na Central de mídia. Fica, dessa forma, a questão: esses alunos serão responsabilizados pela sua desconexão?

A exclusão digital desses alunos só faz aumentar ainda mais a desigualdade social e a falta de oportunidades para ingressar em uma universidade ou conseguir trabalho. Por isso, a necessidade de uma educação pela perspectiva freireana, já que ela orienta para o

desenvolvimento da capacidade, tanto de alunos como de docentes, de fazer uma leitura crítica do mundo a sua volta, dotados de meios para inibir a constituição de uma indústria cultural manipuladora e que prejudica a ascensão social de forma justa. Segundo Freire (2014, p. 124):

Uma leitura de mundo crítica implica o exercício da curiosidade e o seu desafio para que se saiba defender das armadilhas, por exemplo, que lhe põem no caminho as ideologias. As ideologias veiculadas de forma sutil pelos instrumentos chamados de comunicação. Minha briga, por isso mesmo, é pelo aumento de criticidade com que nos podemos defender desta força alienante. Esta continua sendo uma tarefa fundamental de prática educativo-democrática.

As asserções de Freire (2014) distanciam-se da visão da educação como transmissão de informações realizada somente por um emissor, num processo “antidualógico”. Na contramão dessas proposições, atualmente, as tecnologias de ponta e as inovações são apresentadas como se fossem capazes de resolver todas as deficiências do sistema educacional. A aparência de novo, desenvolvido e tecnológico é, portanto, instrumento dos poderosos para evitar a denúncia de um formato pedagógico que retrocede às mais arcaicas concepções de educação, obstruindo, assim, o conhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ano de 2020 foi complexo devido à crise epidemiológica da Covid-19 que se alastrou pelo mundo. Uma crise que afetou vários setores, aumentando ainda mais a desigualdade social. Na saúde, a precariedade dos sistemas hospitalares e o descaso das autoridades com a situação levaram a milhares de mortes. Na educação, foi necessária a suspensão das aulas presenciais durante todo ano letivo, ação que ocasionou a exclusão de muitos alunos por falta de equipamentos para aulas remotas e o atraso do componente curricular.

Em meio a toda essa adversidade pela qual as sociedades passaram, existem empresas capitalistas que ganharam muito dinheiro durante a pandemia, como a Nova Escola, por exemplo, que se manteve alerta às tendências mercadológicas de 2020, iniciando o ano de 2021 com um portfólio completo de 6.000 planos de aula adaptáveis ao ensino remoto.

A plataforma digital Nova Escola é uma instituição, segundo ela própria, sem fins lucrativos, que tem milhões de assinantes pagantes, recebe doações e é “mantida” pela Fundação Lemann, de propriedade de uma das famílias mais ricas do mundo. Também conta com a parceria de outras potências da comunicação e do mundo tecnológico da informação, bem como com bancos e até instituições governamentais de outro país, como o Reino Unido.

A Nova Escola, há 34 anos, cria conteúdo ideológico para professores do ensino básico, produz uma indústria cultural da educação com ideologias: de sucesso da educação; de valorização do professor; de união e preocupação com a formação educacional; de doadora de milhares de materiais ao professor. Nas publicações de 2020 de modo específico, identifica-se, também, a ideologia da defesa pela necessidade do uso das tecnologias no futuro educacional, estampando produtos tecnológicos em todos os artigos de todas as edições.

Desta forma, o alcance das narrativas da plataforma Nova Escola encontra-se para além de seu ambiente digital, sendo compartilhadas em outros canais, visto que, atualmente, os meios de comunicação possibilitam essas interações, chegando a milhões de pessoas.

Assim, essas grandes empresas da comunicação produzem, distribuem, controlam e instauram a “indústria cultural” da educação fomentada pelas as ideologias da “classe dominante”, de modo a conquistarem mais consumidores para seus produtos tecnológicos, contrariando as expectativas de direito e igualdade de educação para todos.

Porém pela perspectiva da educação de Freire, podemos nos posicionar e trabalhar a educação para sermos a resistência a essa imposição cultural. Todos por uma educação de

qualidade, onde a formação capacite para uma leitura real do mundo, com uma consciência crítica, no empenho de uma formação para o bem comum da sociedade.

Freire questiona, fundamentalmente, como problema central, o poder de uma classe social que é dona dos meios de comunicação e dos meios de produção. Para o autor, é importante sabermos “Quem tem o poder?” (FREIRE, GUIMARÃES, 2003, p. 26).

Segundo nossas análises, o problema da classe proprietária está associado à finalidade a qual se propõe como absoluta em uma sociedade capitalista: a maximização do lucro. Na sociedade contemporânea, os meios de comunicação estão associados à técnica e à ideologia simultaneamente com essa finalidade. Para isso, mercantilizam tudo o que existe como potencial fonte de acúmulo e reificam as condições de vida humana.

Como já explicaram os formuladores da Teoria Crítica, essa associação transformou o modo de vida das pessoas, condicionando-as ao consumo e à exploração de seu trabalho pelas classes dominantes. Até mesmo a arte e a cultura se organizam como produção para fins lucrativos; elas seguem essa finalidade que não é oculta, mas explícita; são profundamente ideológicas pois, como ensina Chauí, criam uma sensação de identificação, de pertencimento, de participação, de poder de escolha, e fazem isso constituindo hegemonicamente uma ideologia da sociedade de consumo.

Finalizando, com Freire, constatamos que essa abordagem de controle das ideologias da “elite” proprietária não se restringe ao detentor do lucro, mas, diariamente, às mídias, as quais apresentam um modelo de como devemos ser, e o modelo do explorado, por sua vez, passa a cada dia a se constituir na imagem de seu opressor. Dessa maneira, ser plenamente humano é ser como o patrão, alienando as pessoas sobre sua própria humanidade de explorado. No conjunto, transformam-se homens em objeto de manipulação.

Essa perspectiva também está presente nas escolas e no sistema escolar, com ideias e conteúdos programáticos, os quais colaboram para mantê-la ativa, com uma opressão que é simbólica e material. Há, portanto, uma opressão cultural e econômica ao mesmo tempo.

A urgência de se buscar espaços de resistência e transformação é uma exigência ética. Uma pedagogia comprometida com a vida de todos precisa refletir e engajar-se na desfetichização de todas as dimensões da vida humana. Revolução educacional é também uma revolução cultural. Só assim será possível fundar bases sociais e políticas em busca de uma sociedade mais justa e igualitária, para, então, vivermos a democracia em sua plenitude.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1985.

AGOSTINI, Nilo. Do fracasso moral ao retorno da ética. In Revista **REVELETEO**. 2009 Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/6799/4922>>

AGOSTINI, N.; SILVA, L. B. O, SILVEIRA, C. R. da. Educação e Ética: O desafio de formar sujeitos éticos. In: II Congreso Latinoamericano por La Paz, 2017, Lima. Memorias: Grupos de Trabajo. Lima: Centro de Investigación Jurídica Essentia Iuris, 2017. v. 1. p. 199-212.

ALLAN, Luciana. Ao invés de um “novo normal”, um “normal melhor” para educação. In Revista **Digital Exame**. Disponível em: <https://exame.com/blog/crescer-em-rede/ao-inves-de-um-novo-normal-um-normal-melhor-para->

ALMEIDA, Jorge Miranda de. A educação como ética e a ética como educação em Kierkegaard e Paulo Freire. In **Revista da FAEBA**. Educação e Contemporaneidade. Salvador, v. 22, n. 39, 105-116, jan./jun., 2013.

ANDREOLA, Balduino A. **Radicalidade ética da pedagogia do oprimido**. Disponível em: <<http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/seminarios/mesa12-a.pdf>>. Acesso em 12/12/2019.

ARAGÃO, E, MUNIZ, M. Ensino à Distância exclui milhares de alunos e não tem efetividade, dizem educadores. **Sindicato dos Bancários e Financeiros de São Paulo, Osasco e Região**. Disponível em: <<https://spbancarios.com.br/05/2020/ensino-distancia-exclui-milhares-de-alunos-e-nao-tem-efetividade-dizem-educadores>>. 06/05/2020.

CAMARGO, Paulo. “Novo normal” se fará sentir com mais força na educação. In **Revista Ensino Superior**. Disponível em <https://revistaensinosuperior.com.br/novo-normal-educacao/29/05/2020>.

CHAUÍ, Marilena S. Cultura e Democracia. In **Revista latinoamericana de Ciencias Sociales**. Año 1, Buenos Aires: CLACSO, jun.2008.

CHAUÍ, Marilena S. Ideologia e Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.42, p.245-257, jan./mar. 2016.

COELHO, Allan da Silva. Horizontes de plausibilidade sob a crítica da filosofia: entre luzes, horrores e vítimas. **Reflexão e Ação**, v. 26, p. 34-51, 2018.

COELHO, Allan da Silva. **Capitalismo como Religião: Walter Benjamin e os teólogos da libertação**. São Paulo: Editora Recriar, 2021.

COELHO, A.S., SUNG J. M. Capitalismo como religião: uma revisão teórica da relação entre religião e economia na modernidade. In **Revista Horizonte. Belo Horizonte**, v. 17, n. 53, p. 651-675, maio/ago. 2019–ISSN 2175-5841. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/20384/16461>.

DUNDER, Carla. Tecnologia integra o "novo normal" na Educação pós-pandemia. **R7 Educação**. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/educacao/tecnologia-integra-o-novo-normal-na-educacao-pos-pandemia/11/07/2020>>.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 – (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P., GUIMARÃES, S. **Sobre educação**. Diálogos. Volume 2. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P; GUIMARÃES, S. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, Maria Teresa de. A pesquisa de abordagem histórico-cultural: um espaço educativo de constituição de sujeitos. **Revista Teias**. UERJ. Vol. 10, n.19, 2009, p. 1-12

GARCIA, Wanderley. F. **O sujeito ubíquo: indústria cultural digital e semiformação em tempos neoliberais**. Tese (Doutorado em Educação). Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba. 2020.

GAROFALO, Débora. Como será o novo normal em aulas presenciais. UOL- ECOA por um mundo melhor. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/debora-garofalo/2020/06/10/como-sera-o-novo-normal-em-aulas-presenciais.htm>>. 10/06/2020.

[http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206).

<http://www.apeoesp.org.br/noticias/noticias-2019/veja-como-nossos-salarios-estao-defasados/>

[https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE\\_PAR\\_CNECPN52020.pdf](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_PAR_CNECPN52020.pdf)

<https://fvc.org.br/fundacao-victor-civita/a-lideranca/>

<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/10/07/riqueza-dos-bilionarios-cresce-durante-a-pandemia-e-atinge-marca-recorde-de-us-102-trilhoes.ghtml>

<https://novaescola.org.br/conteudo/4944/por-que-nova-escola-existe>

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_dos\\_maiores\\_bancos\\_do\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_dos_maiores_bancos_do_Brasil)

<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2020/09/4876842-33-brasileiros-viram-bilionarios-na-pandemia-veja-lista-dos-10-mais-ricos-do-pais.html>

<https://www.educabrasil.com.br/nova-escola-revista-do-ensino-fundamental/>

<https://www.paho.org/pt/brasil>

<https://www.sinprodf.org.br/salario-de-professor-do-ensino-medio-brasileiro-e-o-pior-do-mundo-segundo-ocde/>

JAMESON, F. **A cultura do dinheiro**. Petrópolis: Vozes, 2001.

KAHLMANN JR., M. Relações sociais, intelectuais e educação da infância na história In SOUZA, G. (org.). **Educar na infância: perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2011.

LIMA, V. **Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LÖWY, Michael. A filosofia da história de Walter Benjamin. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/c7TdKSGxkSysjMds45cqs8v/?lang=pt>>. Estud. av. 16 (45) • Ago 2002 • <https://doi.org/10.1590/S0103-40142002000200013>.

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social**. 19ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MALAFATTI, F., COELHO, A. da S. Paulo Freire e o cristianismo da libertação: contribuição do conceito de visão social de mundo. **Práxis Educativa**, v. 16, p.1-16, 2021.

MARTINS, R. X. A covid-19 e o fim da educação à distância: um ensaio. **Em Rede**, v. 7, n. 1, p. 242-256, jan./jun. 2020.

MORAIS, A. Com a pandemia, mais de 750 mil alunos estão excluídos das tele aulas em Minas. Disponível em <<https://ctb.org.br/educacao/com-a-pandemia-mais-de-750-mil-alunos-estao-excluidos-das-teleaulas-em-minas>> Acesso em: 13 mar 2020.

MOREIRA, A. S. Cultura midiática e educação infantil. **Educação e Sociedade**. Campinas, dez./2003, vol.24, n.85, p.1203-1235.

MOSER, Antônio. **Ética planetária e educação**. Disponível em: <<http://radeisis.blogspot.com/2011/08/etica-planetaria-e-educacao-prof-dr.html>>. Acesso em: 21/08/2019.

PEREIRA, Mateus H. F. A trajetória da Abril Cultural (1968-1982). In **Sistema de Informação Científica Redalyc Red de Revistas Científicas**. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645953003.pdf>>

PERUZZO, C. M. K. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Comum. Inf.**, v.2, dez/1999, p.205-228.

PERUZZO, C. M. K. Ideias de Paulo Freire aplicada à Comunicação Popular e comunitária. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, n.24, jan-abril de 2017.

RIBEIRO, F. P. Paulo Freire na Comunicação e os meios de comunicados. **RIZOMA**, Santa Cruz do Sul, n.02, dez/2013, p.78-91.

RODRIGUES, Arlindo Manoel Esteves; WANDERLEY, Luiz Eduardo W.; COELHO, Allan da Silva. Pensamento utópico: dialética da denúncia e anúncio do inédito viável. in: RODRIGUES; WANDERLEY (Org.) **Utopia, ética, religião: a construção de um mundo novo**. São Paulo: EDUC, 2019, p. 17-36.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da formação urbana à construção do sujeito ético. In **Educação & Sociedade**. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302001000300013>

SCHIRATO, Maria Aparecida Rhein. Novo normal: entenda melhor esse conceito e seu impacto em nossas vidas. Entrevista. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/novo-normal-conceito>. Acesso em: 07 mai 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca de sentido da formação humana: tarefa da filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, n. 3, v. 32, p. 619-634, 2006.

SUNG, Jung Mo. **Sementes de Esperança**. Petrópolis: Vozes, 2005.

WOOD, E. M. **A origem do capitalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

XAVIER, Odila Silva. A educação no contexto de mudanças. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 78, n. 188/189, p. 285-304, jan./dez., 1997.

ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; OLIVEIRA, R. de. **Adorno: O poder educativo do pensamento crítico**. 4. Ed. Petrópolis. Vozes. 2008.